

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA  
CURSO DE PEDAGOGIA

**WELINGTHON DOS SANTOS SILVA**

**CARLOTA CARVALHO: protagonismo de uma professora e escritora sertaneja  
do Maranhão**

Imperatriz  
2021

WELINGTHON DOS SANTOS SILVA

**CARLOTA CARVALHO: protagonismo de uma professora e escritora sertaneja do Maranhão**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, do Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Mariléia Santos Cruz da Silva.

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

SILVA, Welington dos Santos.

CARLOTA CARVALHO: protagonismo de uma professora e escritora sertaneja do Maranhão. WELINGTON DOS SANTOS SILVA - 2021.

p.81.

Orientador(a): Mariléia Santos Cruz da Silva.

Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia,  
Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2021.

1. Carlota Carvalho. 2. O Sertão. 3. Professora. 4. Maranhão.

I. SILVA, Mariléia Santos Cruz da. II. Título.

WELINGTHON DOS SANTOS SILVA

**CARLOTA CARVALHO: protagonismo de uma professora e escritora sertaneja do Maranhão**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, do Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Mariléia Santos Cruz da Silva.

Aprovado em: 30/09/2021.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Mariléia Santos Cruz da Silva (Orientadora)  
Doutora em Educação  
Universidade Federal do Maranhão

---

Elizânia Sousa do Nascimento (Examinadora)  
Mestra em Educação  
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão

---

Raquel de Moraes Azevedo (Examinadora)  
Mestra em Educação  
Universidade Federal do Maranhão

Dedico à minha avó materna (Mãezinha), à minha mãe, ao meu pai (in memoriam), aos meus tios, amigos que me apoiaram na jornada acadêmica, e aos docentes do curso de Pedagogia, que me inspiraram a ser um professor. E, em especial, a todas as mulheres professoras que marcaram a História e vidas.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus pela vida, saúde e sabedoria que me proporcionou para concluir o curso de Licenciatura em Pedagogia.

Em especial a minha orientadora, Profa. Dra. Mariléia Santos Cruz da Silva, pela paciência e orientação competente em todas as etapas da elaboração deste trabalho.

Em particular, agradeço a minha Mãezinha que é uma das minhas mães, minha mãe, Jailma, ao meu pai Manoel Batista (in memoriam) e aos meus tios, Francisco (Manin), Jailson e Jacira, pelo apoio nessa caminhada. Aos meus amigos Lucas Vinicius e Victor Antonio que são como irmãos, bem como a Geissiane e Giselle, queridas amigas com que Deus me presenteou, pela parceria de sempre, pelas alegrias e pelas partidas de Uno (risos).

Agradeço também a Diana Sabino, Débora, Fátima Cristina e Sulane – amigas que são presentes de Deus...como sempre digo: “– Vocês são mil!”.

Um agradecimento a todos do PROFEBPAR, que me inspiraram na área educacional, em especial a Auricelia – obrigado por tudo e pela parceria de sempre – e a todos os professores do Curso de Pedagogia-CCSST/UFMA pelos ensinamentos e aprendizagens durante esse ciclo: Mariléia Cruz, Francisco Almada, Raquel Azevedo, Herli Carvalho, Maria Aparecida, José Batista, Simone Omizzolo, Karla Bianca, Erivâneo Silva, Kelly Leslie, Witembergue Zaparolli, Vicente Marques, Tereza Bom-Fim, Marcos Fábio, Marcella Arraes, Janeth Carvalho, Jónata Moura e Francisca Agapito, meu muito obrigado.

Quero agradecer também às professoras Késsia Mileny, Eloíza Marinho, Dijan Leal, Rita Gonçalves, Ilma Maria e Patrícia Silva (preceptora do Residência Pedagógica) que, mesmo não tendo sido minhas professoras no curso de Pedagogia, contribuíram me inspirando em querer ser um professor.

A Islene, Érica, Juliana, Sheila e Emanuela, pelos ótimos momentos durante o curso de Pedagogia e pela participação no grupo de pesquisa.

Aos meus colegas de turma, pelo companheirismo no decorrer da longa jornada da graduação.

Enfim, a todas e todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte desta conquista, o meu muito obrigado.

[...] recuperá-la como quem recolhe uma espécie extinta, uma flora desconhecida, fazer seu retrato como quem repara um esquecimento, denunciar seu vestígio como quem exhibe uma morta. Gesto útil [...], mas um gesto incompleto; tornar visível a mulher quando a história se abstinha de vê-la, [...] fazer desta relação objeto da história (Michel Foucault).

## RESUMO

Carlota Carvalho foi uma professora primária e destacada escritora sertaneja maranhense, que viveu entre a segunda metade do século XIX e início do XX. Este trabalho tem como objetivo investigar a trajetória de Carlota Carvalho destacando aspectos ligados à sua vida pessoal, social e profissional. A pesquisa histórica de caráter indiciário e análise documental foi produzida a partir do livro *O Sertão* (1924) e do acervo de jornais da hemeroteca digital da Biblioteca Nacional. Os autores utilizados para fundamentar este estudo foram: Barros (2012); Burke (1992); Dino (2006); Ginzburg (1989); Lima (2021); Louro (2007); Motta (2002; 2008); Pachêco Filho (2014); Perrot (2005); Priore (2009); Santos (2014); e Telles (2007), dentre outros. Para expor o conhecimento construído nesta investigação, o presente trabalho está dividido em dois capítulos. O primeiro apresenta informações sobre a trajetória de vida de Carlota Carvalho, enfocando a formação da família Carvalho, em especial as informações acerca da educação da referida professora, e da carreira docente dela, evidenciando as suas contribuições para a história da educação no Maranhão e Amazônia. O segundo capítulo aborda suas obras e contribuições na imprensa maranhense, bem como a negação da autoria de sua principal obra, *O Sertão*. Grande parte do que sabíamos sobre Carlota Carvalho eram informações embasadas nos registros da própria autora na sua aclamada obra *O Sertão* (1924). Apesar de alguns autores contestarem que Carlota seja a autora de *O Sertão*, ao afirmarem que esta era analfabeta e sem cultura, atribuindo o feito a seu irmão Parsondas de Carvalho, observamos que há fortes indícios de que a autora tenha sido vítima de preconceito, por ser mulher, em uma época em que os homens eram considerados detentores do saber e a educação feminina era desvalorizada. Além desse livro, ao que se sabe, são dela mais dois trabalhos: *Fatos e Contos* e *Cosmogonia*. Carlota Carvalho era uma mulher culta, letrada e muito instruída nos saberes pedagógicos, que se destacou no mundo das letras como professora primária e escritora, rompendo a barreira social que era imposta às mulheres em sua época. Em seus escritos ela se colocava em defesa das populações oprimidas, se posicionando pelos direitos dos indígenas e dos negros.

**Palavras-chave:** Carlota Carvalho. Professora. *O Sertão*. Maranhão.

## ABSTRACT

Carlota Carvalho was a primary teacher and outstanding writer from Maranhão, who lived between the end of the 19th century and the beginning of the 20th. This work aims to investigate the trajectory of Carlota Carvalho highlighting aspects related to his personal, social, and professional life. The historical research of evidentiary character and documentary analysis was produced from the book *O Sertão* (1924) and the digital newspaper collection of the National Library. As theoretical references, we used: Barros (2012); Burke (1992); Dino (2006); Ginzburg (1989); Lima (2021); Louro (2007); Motta (2002; 2008); Pachêco Filho (2014); Perrot (2005); Priore (2009); Santos (2014); and Telles (2007), among others. To expose the knowledge built in this research, this work is divided into two chapters. The first presents information about the life trajectory of Carlota Carvalho, focusing on the formation of the Carvalho family, especially information about the education of that teacher, and her teaching career, highlighting their contributions to the history of education in Maranhão and Amazônia. The second chapter discusses his works and contributions to Maranhão press, as well as the denial of authorship of his main work, *O Sertão*. Much of what we knew about Carlota Carvalho was information based on the records of the author herself in her acclaimed work *O Sertão* (1924). Although some authors argue that Carlota is the author *O Sertão*, when stating that she was illiterate and without culture, assigning it to her brother Parsondas de Carvalho, we observed that there are strong indications that the author was a victim prejudice, because she was a woman at a time when men were considered the holders of knowledge and female education was devalued. In addition to this book, as far as we know, she has written two other ones: *Factos e Contos* and *Cosmogonia*. Carlota carvalho was a cultured woman, literate and highly educated in pedagogical knowledge, who stood out in the world of letters as a primary teacher and writer, breaking the social barrier that was imposed on women in her time. In her writings she put herself in defense of oppressed populations, standing for the rights of indigenous and black people.

**Keywords:** Carlota Carvalho. Teacher. *O Sertão*. Maranhão.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>1 CARLOTA CARVALHO, UMA MULHER COM PROTAGONISMO NA HISTÓRIA DO INTERIOR DO MARANHÃO .....</b>	<b>14</b>
1.1 A genealogia dos Carvalho .....	15
1.2 A educação de Carlota Carvalho: uma professora normalista .....	22
1.3 A carreira docente de Carlota Carvalho .....	25
<b>2 CARLOTA CARVALHO, UMA MULHER ESCRITORA: contribuições para a história e a geografia do Maranhão e da Região Amazônica .....</b>	<b>37</b>
2.1 <i>O Sertão</i> .....	37
2.2 <i>Factos e Contos</i> .....	46
2.3 Colaboração de Carlota Carvalho na imprensa maranhense e a negação da autoria de <i>O Sertão</i> .....	48
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>56</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>59</b>
<b>APÊNDICE</b>	
<b>ANEXOS</b>	

## INTRODUÇÃO

A partir do século XIX, ocorreram transformações sociais, econômicas e culturais na Europa ocidental que afetaram todo o mundo, inclusive influenciando o Brasil, tanto na cultura como na literatura. Nesse cenário, a figura masculina era tida como dominante, superior, a quem a mulher deveria ser submissa. Elas eram subjugadas apenas por serem mulheres, devendo cuidar dos afazeres domésticos e da educação dos filhos.

Entretanto, algumas delas destacaram-se. E, mesmo em um contexto em que os homens eram considerados detentores do saber e a educação feminina era desvalorizada, houve mulheres que enfrentaram a discriminação sexual, as limitações da sua época e atuaram de forma marcante na sociedade, tornando-se intelectuais, rompendo barreiras culturais machistas e desbravando o mundo das letras (LOURO, 2007). Visando alcançar direitos, elas buscaram alterar o estado de privação a que foram submetidas, construindo carreiras e destacando-se em suas trajetórias, tanto nos estudos, quanto na docência.

Assim, a pesquisa do presente trabalho se iniciou ainda no ano de 2017 durante as discussões sobre professoras maranhenses no Grupo de Pesquisa *Cultura Escolar, Práticas Curriculares e História da Disseminação de Saberes Escolares – CEPCHSAE* –, realizadas sob a coordenação e orientação da professora Dra. Mariléia dos Santos Cruz da Silva. A principal parte da pesquisa foi escrita entre o segundo semestre de 2018 e o primeiro semestre de 2019, quando fui aluno de iniciação científica, com o plano de trabalho “Protagonismo da professora Carlota Carvalho na história do sertão maranhense”. Demandas pessoais, envolvendo saúde e perda de familiares, prolongaram o tempo de estudo, mas não romperam a motivação que sempre senti, de apreciar a história de Imperatriz e região, além do transparente interesse na figura de Carlota, uma mulher singular que viveu entre a segunda metade do século XIX e as primeiras três décadas do século XX.

Nesse sentido, buscamos, em uma perspectiva regional (sertão maranhense), resgatar a história e o protagonismo de uma mulher professora e escritora, Carlota Carvalho, destacando aspectos ligados à sua trajetória pessoal, social e profissional. Além disso, neste estudo, esforços foram empreendidos com vistas a dar visibilidade

ao perfil da professora maranhense que, embora tenha atuado no campo intelectual, não obteve o merecido reconhecimento.

Com essa intenção, surgiu a seguinte problemática: Qual foi a trajetória pessoal e social da escritora maranhense Carlota Carvalho? A que podemos atribuir o seu quase anonimato na história maranhense? E, com base nesse questionamento, surgiram ainda outras indagações importantes: Como ocorreu a formação intelectual de Carlota? Qual teria sido a sua trajetória como professora? Quais são os indicativos de sua autoria na obra *O Sertão*? Como a sociedade maranhense via essa mulher que se destacou social e profissionalmente?

Assim, o presente trabalho, fruto de pesquisa histórica e biográfica, de caráter indiciário, tem como objetivo geral: investigar a trajetória social e profissional de Carlota Carvalho, dando destaque para sua atuação como professora e escritora, que deixou marcas de protagonismo na história, e como objetivos específicos: analisar a trajetória de vida e a formação intelectual por meio de informações pessoais e familiares da professora maranhense; levantar informações sobre a trajetória docente de Carlota Carvalho, identificando as contribuições que ela deu para a história da educação maranhense; e identificar as obras publicadas pela professora Carlota Carvalho, destacando e analisando o conteúdo das suas principais publicações.

Orientada por seus objetivos e ancorada nos estudos em História da Educação, a presente pesquisa possibilitou a produção de conhecimento com ênfase na visibilidade de mulheres professoras na história do Maranhão do final do século XIX e início do XX. Trabalhos como este são muito relevantes, pois abrem espaço para ecoar a voz dos esquecidos, abordando aspectos da cultura escolar, bem como para apresentar uma visão mais profunda dos espaços sociais, materiais, culturais e políticos, por meio da participação ativa da mulher na história, aqui neste estudo, o protagonismo da professora Carlota Carvalho.

Temos, portanto, um trabalho histórico e biográfico, de caráter indiciário, e documental. De acordo com Almeida Filho (2016), as pesquisas de abordagem histórica permitem conhecer e refletir sobre fenômenos, fatos e pessoas, relacionando-os à História. Biografar consiste em reconstruir, com base nos materiais e nas fontes selecionados pelo pesquisador, uma trajetória de vida (BARROS, 2004). Souza (2010, p. 45) pontua que: “através da abordagem biográfica, o sujeito produz um conhecimento sobre si, sobre os outros e o cotidiano, revelando-se através da subjetividade, da singularidade, das experiências e dos saberes”.

Conforme Burke (1992), estudar indivíduos na história é dar voz a sujeitos e ter conhecimento de trajetórias de pessoas até então não conhecidas, dando assim subsídios para reconhecer o papel ativo de alguém que, por muito tempo, foi colocado ou não no anonimato. Com isso, ao escrever uma história, somos movidos pelo desejo de reconstruir uma parte do passado, no próprio ato de reconstruir o objeto investigado, dando-lhe voz, no seu tempo e cenário. Acreditamos que a escrita da história de uma vida possibilita ao pesquisador uma reflexão aprofundada sobre sentidos e significados, limites e possibilidades da narrativa biográfica, bem como sobre suas implicações no campo educacional (FURTADO; PINTO, 2011).

O paradigma indiciário possibilita interpretar uma determinada realidade (fatos, pessoas etc.), algumas vezes sem informações, em busca de características e indícios que permitam traçar fatos para buscar uma compreensão, como Ginzburg (1989, p.177) afirma: “se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la”. Assim, ao lidar com documentos de diferentes tipos, utilizando o paradigma indiciário, encontramos caminhos para traçar um perfil histórico e entender o que as pistas significam e o que os documentos revelam.

Nesse sentido, o universo desta pesquisa envolveu investigar a trajetória e o protagonismo da escritora e professora Carlota Carvalho ao longo da história, na segunda metade do século XIX e primeira do XX. Para tanto, realizamos análise de jornais da imprensa maranhense do período compreendido entre 1850 e 1930, disponíveis na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, considerando o período de infância da autora até a data da sua morte. Ao mesmo tempo, analisamos a sua obra *O Sertão* (2000; 2011; 2017), bem como publicações de trechos do livro *Factos e Contos* feitas na imprensa.

A palavra escrita, diferentemente da tradição oral, pode ser resgatada no passado e utilizada como documento na construção de interpretações históricas, principalmente das representações sociais (BICA, 2012). Podemos entender, então, que os jornais sempre foram usados para descrever ações, opiniões e mudanças ocorridas em cada tempo, no que concerne a ações pretendidas pelos dirigentes do Estado e/ou pelas instituições escolares, sendo relevante como meio de divulgação de suas práticas. Ademais, não podemos nos esquecer de que a imprensa, entre o final do Império e o início da Primeira República no Brasil, é majoritariamente dependente do texto impresso (jornal) (BICA; CORSETTI, 2014; GONÇALVES NETO, 2002).

No caso do livro *O Sertão: subsídios para a história e a geografia do Brasil*, ele foi selecionado para ser a base desta proposta de trabalho por conter informações sobre a trajetória de vida da autora Carlota Carvalho, desde sua infância até a fase adulta, incluindo dados sobre seus familiares. O livro também destaca seu protagonismo como escritora e professora itinerante, além de uma formidável pesquisadora.

Conforme Gil (2002), a análise documental é realizada por meio do estudo de documentos. Embora se assemelhe à pesquisa biográfica, diferencia-se desta, pela natureza das fontes de pesquisa e pelos documentos, que podem ser escritos ou não, ou que ainda não receberam um tratamento analítico, como é o caso dos textos que constituem o *corpus* desta pesquisa.

Além disso, para a compreensão de um fato histórico, pode ser utilizado o estudo das fontes históricas, que consiste no levantamento de discursos políticos, documentos oficiais, memórias iconográficas e bibliografias, entre outras, existentes sobre um determinado período histórico (PADILHA; NASCIMENTO, 2015). Essa metodologia permite descrever de maneira simples e integral o conteúdo contido nessas fontes, ou ainda refletir historicamente de forma crítica, com o intuito de compreender e tentar reconstruir as intenções nelas contidas, ou seja, o que as pessoas queriam transmitir a partir de tais informações.

Ao utilizar essa metodologia, há uma possibilidade de limitarmos a observar a fonte como objeto de estudo em sua forma imediata, ou seja, de simplificarmos o que é complexo. Segundo Saviani (2012, p. 62), “[...] reduzir o complexo ao simples é passar do particular ao geral; é chegar a conceitos gerais, por isso mesmo, simples e abstratos, dotados exatamente por causa do seu caráter abstrato, de validade universal”. Isso significa reconhecer que só é válido ao conhecimento o que é dado empiricamente a partir da observação imediata.

Os autores utilizados para fundamentar esta proposta de trabalho foram: Dino (2006); Pachêco Filho (2014); Louro (2007); Motta (2002); Renôr (2004); Silva (2017); e Telles (2007), dentre outros. Esses estudiosos foram escolhidos por abordarem a trajetória de vida de Carlota Carvalho, bem como o estudo biográfico e histórico, como meios que oferecem contribuições significativas para a história da educação.

Assim, por meio desse referencial teórico e metodológico, foi possível empreender uma pesquisa para resgatar, construir através de indícios, a trajetória histórica de uma pessoa, no caso uma mulher que foi ativa na sua época e teve

importantes contribuições na história da região tocantina, sertaneja e amazônica, Carlota Carvalho. Ademais, de forma geral, os conhecimentos produzidos neste estudo promovem um maior conhecimento da história do Maranhão, além de permitirem reflexões que contribuem para o combate a qualquer forma de preconceito.

Para expor o conhecimento construído nesta investigação, o presente trabalho está dividido em dois capítulos. O primeiro apresenta informações sobre a trajetória de vida de Carlota Carvalho, enfocando a formação da família Carvalho, em especial as informações acerca da educação da referida professora, e da carreira docente dela, evidenciando as suas contribuições para a história da educação no Maranhão e Amazônia. O segundo capítulo aborda suas obras e contribuições na imprensa maranhense, bem como a negação da autoria de sua principal obra, *O Sertão*.

## 1 CARLOTA CARVALHO, UMA MULHER COM PROTAGONISMO NA HISTÓRIA DO INTERIOR DO MARANHÃO

Carlota Olímpia de Carvalho, ou apenas Carlota Carvalho, foi uma brilhante mulher que viveu entre a segunda metade do século XIX e a primeira do século XX. Professora de primeiras letras que ficou conhecida pela publicação, no Rio de Janeiro, em 1924, da sua principal obra: *O Sertão: subsídios para a história e a geografia do Brasil*, a qual descreve a geografia e a história brasileira, citando a formação de cidades e a vida do povo sertanejo, bem como dando destaque a acontecimentos revolucionários, tanto regionais, a exemplo da *Balaçada*, no Maranhão, como nacionais, ao abordar a *Independência do Brasil*.

No início deste estudo, poucas informações foram identificadas sobre a história de Carlota Carvalho, pois o que estava disponível sobre ela era embasado apenas nos registros da própria autora em sua aclamada obra *O Sertão* (MOTTA, 2002). No decorrer da pesquisa, novas informações foram surgindo em outras fontes, fruto de coleta nos jornais e em textos dos séculos XIX e XX.

Há indícios de que Carlota Carvalho tenha nascido na Vila de Riachão, na década de 1860 (PACHÊCO FILHO, 2014; *O PAIZ*, 30 de abril, 1878). Essa estimativa se baseia no fato de seu irmão e companheiro de “andanças”, João Parsondas de Carvalho<sup>1</sup> (ver o Anexo B), ter respondido a um processo judicial na Vila de Imperatriz, em 1911, no qual confessou, em juízo, possuir 55 anos de idade e ter nascido na Vila de Riachão<sup>2</sup>. Outro fato que aponta a Vila de Riachão como seu local de nascimento é a presença de seu pai na referida vila, conforme reportagens de jornais publicadas na década de 1860 e início da década de 1870.

---

<sup>1</sup> João Parsondas de Carvalho foi o irmão mais conhecido de Carlota Carvalho. Ele foi um intelectual sertanejo que viveu entre a segunda metade do século XIX e segunda década do XX. Parsondas era “[...] filho de Riachão. Inteligente, autodidata, jornalista de profissão, escritor, filósofo, sertanista, membro do Instituto Histórico e Geográfico do Estado do Maranhão. Colaborou em *A Pacotilha*, em São Luís, e *Jornal do Brasil*, no Rio de Janeiro (ELOY COELHO *apud* DINO, 2006, p. 21), Parsondas também colaborou no jornal *Diário do Grão-pará*, jornal do *Commercio*, *Correio Paraense* e *Diário de Notícias*, conforme reportagem do jornal *A Pacotilha*, de 24 de outubro de 1896 (p.1). Nestes dois últimos, como redator-chefe (*A República*, 05 de março de 1893, p.1). Tendo sido também juiz de direito (*A República*, 04 de agosto de 1891; *O Democrata*, 02 de novembro de 1893).

<sup>2</sup> Tal processo foi uma represália em consequência da denúncia que ele fez na imprensa carioca sobre o regime de terror existente no sul do Maranhão, numa época em que os direitos humanos e a liberdade política não eram respeitados e estavam nas mãos dos poderosos da região. Parsondas de Carvalho “nasceu no ano de 1856, época em que sua terra natal, a antiga vila de Riachão, contava com um ano oficialmente como cidade” (DINO, 2006, p. 76).

A aparência física de Carlota Carvalho é conhecida por uma única fotografia (ver o Anexo A), que pode ser encontrada na primeira edição de sua principal obra, *O Sertão* (1924) - (também constando nas edições seguintes da obra), e na publicação do jornal *Diário de São Luiz*, de 16 de outubro de 1924. Durante a pesquisa, encontramos duas descrições físicas de Carlota. A primeira foi feita pelo jornalista Leônidas Duarte: “Senhora sympatica de estatura mediana, gorda, rosto vermelho, talvez queimado pela acção do sol carnicular, olhar expressivo, denunciando inteligencia e sutileza” (*Diário de São Luiz*, de 06 de março de 1925, p. 3). A segunda descrição consta na obra de Dino (2006, p. 50), que transcreveu a fala de um contemporâneo dela: “Já que você insiste tanto em saber da vida dos finados, só posso adiantar que ela não era feia. Meio graúda, de pouca conversa com os vizinhos, parecia ser uma mulher viajada”.

Sobre a vida de Carlota Carvalho, sabemos que seus ancestrais migraram da Vila de Santa Rita do Rio Preto no estado da Bahia e se instalaram no interior do Maranhão e que ela provavelmente foi educada em casa. Sabemos ainda que foi mestre em escolas da região amazônica, bem como colaboradora na imprensa maranhense. Ela também foi professora itinerante nos sertões maranhenses.

Carlota também desenvolveu materiais didáticos sobre história e geografia. Sobre isso, podemos destacar reportagem no jornal *Diário de São Luiz*, de 11 de outubro de 1924, (p.1) sobre a visita de Carlota à Escola Normal Primária do Maranhão Rosa Castro<sup>3</sup>, em São Luís, onde a diretora, Dona Rosa Castro mostrou a Carlota as dependências da instituição, bem como a convidou a elaborar uma apostila sobre história e geografia para ser agregada como material didático ao jornal *A Escola*, publicado pela instituição.

## 1.1 A genealogia dos Carvalho

A genealogia dos Carvalho remonta à miscigenação entre uma francesa, um português e uma índia, que não é tão fácil de descrever. É necessário bastante

---

<sup>3</sup> A Escola Normal Primária Rosa Castro foi referência na formação docente do estado do Maranhão, tendo sido instalada em fevereiro de 1916, na cidade de São Luís. Essa Escola Normal, mantida pela iniciativa privada, conforme informa Motta (2008, p. 8), “nos anos de 1920 a 1940, foi a responsável pela formação de quase todos os professores e professoras, que lecionavam no interior do Estado”.

atenção para entender a árvore genealógica dessa família (ver o Anexo C), oriunda de terras baianas.

Em sua obra *O Sertão*, Carlota Carvalho registra que descende de europeus emigrados para o Brasil no final do século XVIII. Nessa obra, ela afirma ainda que sua bisavó paterna era uma francesa, de nome Paula de la Rochambeau – “uma nobre desterrada da França em 1791 ou 1792, [...] Paula era de um espírito culto, mas imbuído de preconceitos” (CARVALHO, 2017, p. 406-407). Carlota nos relata que sua bisavó era uma mulher inteligentíssima, que possuía uma vasta cultura intelectual, tendo uma imaginação fantasiosa, cujas leituras de obras da literatura norte-americana a faziam se entusiasmar pela agricultura na selva e tentar copiar o estilo de vida de personagens desses romances. Tratava-se de uma mulher sonhadora de virtudes e utopias.

A bisavó paterna de Carlota teria sido desterrada após a histórica Revolução Francesa de 1789, e teria convivido, sem casamento, com José Marques de Carvalho. Na descrição do seu bisavô, ela declara que ele era um português rico, ignorante, dotado de boa índole, trabalhador e econômico, estabelecido na Bahia. Paula e José tiveram três filhos, sendo o mais novo José Joaquim de Carvalho, o avô paterno de Carlota (CARVALHO, 2000; 2011; 2017).

Carlota nos informa também que, por questões de consciência religiosa e por ele não possuir uma estirpe nobre, Paula de La Rochambeau abandonou José Marques de Carvalho e passou a viver reclusa, tendo o aconselhado a casar com uma índia. O português então casou-se com uma índia educada, de nome Messias, uma autóctone que fora arrebatada ainda criança de uma “taba” e dada a uma senhora rica e sem filhos (CARVALHO, 2017, p. 208), que a criou e a educou na fé católica. Conforme a autora, “Messias se tornou uma mulher “neurastênica”, dominada por um nervosismo que a fazia ser uma pessoa irritável, intolerante e intransigente” (CARVALHO, 2000; 2011; 2017, p. 408).

Segundo Carlota, José de Carvalho teria se casado com Messias atraído pela riqueza que ela possuía por herança. Tiveram três filhos: “um que morreu menino; outro que se suicidou na capital da Bahia por motivos amorosos; e Severino de Carvalho, que o sucedeu na posse dos bens” (p. 408). Esse Severino de Carvalho é o avô materno de Carlota Carvalho (CARVALHO, 2017).

Carlota Carvalho teria então como bisavô paterno e materno a mesma pessoa: José Marques de Carvalho. Isso porque o pai de Carlota, Miguel Olímpio de Carvalho

– filho de Carlota Joaquina de Menezes Carvalho e José Joaquim de Carvalho e neto de José Marques de Carvalho e Paula de la Rochambeau – casou-se com Maria Francisca de Carvalho, por sua vez, filha de Severino de Carvalho. Sendo assim, Carlota era bisneta do mesmo José Marques de Carvalho, marido da índia Messias.

José Joaquim de Carvalho, o avô paterno de Carlota, era natural de Santa Rita do Rio Preto, comarca da Barra, Bahia (atual cidade de Santa Rita de Cássia), e se refugiou na região dos sertões de Pastos Bons, “no arraial Campo Largo, localizado entre os rios Alpercatas e Capim, o primeiro, principal tributário e formador do Itapecuru; o segundo, tributário do Mearim, no qual entra com o nome mudado em Corda” (CARVALHO, 2017, p. 168). Por volta de 1824, ali chegou em fuga das perseguições ocorridas após a derrota dos nativistas da Confederação do Equador<sup>4</sup>, escapando da morte decretada por Dom Pedro I contra os insurgentes nordestinos, ou seja, o avô paterno de Carlota fugiu para salvar sua vida e proteger sua família.

José Joaquim de Carvalho se estabeleceu em Porto da Chapada, no interior da província do Maranhão e, onde fundou uma escola, conforme nos informa a própria Carlota:

Em 1823-1825, o povoado ou arraial Campo Largo já era populoso e nele havia, para o sexo masculino, uma escola em que eram ensinadas leitura, escrita, aritmética, gramática e latim.

A principal figura era o cearense Diogo Lopes de Araújo Sales, que foi chefe político da Chapada.

Sob os auspícios dessa figura primacial, meu avô, José Joaquim de Carvalho, baiano, natural da Vila Santa Rita do Rio Preto, comarca da Barra, fundou a dita escola no interesse de ensinar também a seus filhos mais velhos, então meninos: Benício, José Irineu, Antônio e Miguel, meu pai (CARVALHO, 2017, p. 168-169).

Em seu livro, ela ainda relata que: “em 1827 meu avô trasladou sua residência, sua família e bens para perto da vila Chapada e fundou, com os escravos de sua propriedade, a fazenda agrícola São Benedito” (CARVALHO, 2017, p. 169).

---

<sup>4</sup> A Confederação do Equador foi uma resposta por meio de revolta que se deu inicialmente em Pernambuco, cuja Revolução de 1817 já demonstrara a forte predominância de ideias liberais no local. Em 2 de julho de 1824, foi proclamada a independência de Pernambuco, depois acompanhado por Bahia, Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba na constituição de uma república. O nome, Confederação do Equador, se deu graças à proximidade geográfica com a imaginária Linha do Equador, já que as províncias nordestinas protagonizaram o movimento. A Confederação foi rápida e duramente reprimida pelas forças militares imperiais, sendo alguns dos seus principais líderes – dentre eles Frei Caneca, Cipriano Barata e Padre Mororó – executados ou presos (HOLANDA, 2003)

O pai de Carlota, Miguel Olímpio de Carvalho, tornou-se um homem de vasta cultura intelectual. Na juventude, foi membro da “Roda de amigos” (grupo do qual Carlota Carvalho participaria mais tarde), destacado círculo literário da Chapada. Esse grupo era liderado pelo juiz de paz Militão Bandeira Barros<sup>5</sup>, negro, rico, o qual também liderava um grupo político conhecido como “os independentes”, alinhado aos liberais, o qual deu origem ao revolucionário partido Bem-te-vi. Este partido apoiou os balaios, como ficaram conhecidos os promotores da grande revolta popular, ocorrida entre 1838 e 1841, denominada Balaiada (CARVALHO, 2000; 2011; 2017).

Segundo Carlota, ela teria ouvido de seu “pai, tias e tios recordações da guerra da independência e dos fatos a ela ligados por elos morais até a revolta dos bem-te-vis (Balaiada) - 1838-1841” (CARVALHO, 2017, p. 169). Como ela mesmo nos informa, esses relatos são “testemunhos verdadeiros, no íntimo da família, como uma fotografia dos fatos e ela sendo a receptora das vozes” e que narra tais acontecimentos (p.169).

Miguel Olímpio de Carvalho, o pai de Carlota, foi advogado provisionado com atuação na comarca da Chapada (ALMANAK, 1859, p. 214), exerceu os cargos de promotor público interino, juiz de paz e diretor parcial dos índios<sup>6</sup> Guajajara no alto Pindaré, conforme informa o *Diário de Pernambuco*, de 28 de fevereiro de 1867 (p. 2). Juntamente com seu compadre Raimundo Theodoro Mota, foi contratante junto ao governo do estado da Província do Maranhão da estrada de Santa Teresa (atual Imperatriz), a primeira que possibilitou a ligação dos sertões do Maranhão à parte navegável por vapores favorecendo a chegada ao litoral. Esse contrato foi

---

<sup>5</sup> Carlota descreve Militão Bandeira como “um homem de inteligência culta, entusiasta do belo, impulsionado por ideias altruístas” (CARVALHO, 2011, p.192) e compara sua intelectualidade com as de várias personalidades históricas do passado como os Médici, que foram uma família italiana que se tornou uma dinastia política na cidade de Florença, tornando a região da Toscana muito rica economicamente na Europa do século XVI. Segundo Carlota: “Sem os Médici, Florença não teria sido o foco de luz irradiante no mundo, não se faria a Renascença” (CARVALHO, 2011, p.192).

<sup>6</sup> O cargo de diretor-geral dos índios foi criado pelo decreto n. 426, de 24 de julho de 1845, que aprovou o regulamento das missões de catequese e civilização indígenas. O cargo deveria ser estabelecido em todas as províncias brasileiras e tinha por atribuição administrar a implementação das medidas previstas no regulamento das missões, bem como o estabelecimento dos aldeamentos provinciais e a política de catequese e civilização dos índios. O Regulamento estabelecia a forma de organização e administração das aldeias, determinando uma estrutura bastante simples em cada uma, composta de: um diretor, de nomeação do presidente da província, a partir proposta do diretor-geral; um tesoureiro ou almoxarife; um cirurgião e um enfermeiro; e um missionário. As atribuições de cada cargo foram definidas pela legislação, cabendo ao diretor – *também chamado de diretor parcial – funções similares às do diretor-geral no nível do aldeamento, o que incluía toda a administração local* (MAPA, 2018, Disponível em: <<http://mapa.an.gov.br/index.php/menu-de-categorias-2/312-diretores-diretoria-geral-dos-indios>> grifo nosso).

estabelecido em 1864 por intermédio do então juiz de direito da comarca da Carolina, Manoel Jansen Ferreira, genro da lendária matrona Ana Jansen (CARVALHO, 2000, p. 209).

Carlota lembrava que o trabalho foi realizado por um período de três meses e o caminho, de 60 léguas, pronto, foi entregue no fim de agosto de 1866. Ela ainda nos conta que o serviço foi desempenhado apenas com a mão de obra dos indígenas Guajajara, feito que obteve destaque no famoso Dicionário Histórico-Geográfico do Maranhão (CARVALHO, 2000, p. 209).

Seu pai, Miguel Olímpio de Carvalho, sempre mostrou ter boas relações com os povos indígenas. Certa vez, inclusive, ele foi preso com a justificativa de incitar uma revolta dos indígenas contra o homem branco, conforme noticiado no jornal *Publicador Maranhense*, de 18 de março de 1863 (p.2).

Miguel Olímpio de Carvalho faleceu com 50 anos, em 8 de outubro de 1874, na Santa Casa de Misericórdia, em São Luís, de hidropsia renal (*DIÁRIO DO MARANHÃO*, 09 de outubro de 1874, p. 2), quando Carlota ainda era criança e seu irmão Parsondas tinha 18 anos (CARVALHO, 2017; DINO, 2006).

Inicialmente, ao realizarmos pesquisas em jornais e empreendermos a análise da obra *O Sertão* (2000; 2011; 2017), acreditávamos, assim como outros autores que se referem a Carlota, que ela possuía apenas dois irmãos, João Parsondas de Carvalho e Emídio Olímpio de Carvalho. Contudo, para nossa surpresa, descobrimos que Carlota possuiu uma família extensa, com mais cinco irmãos, além dos já citados. Havia quatro irmãs e um irmão, até então desconhecidos na bibliografia que se refere à autora, cujos nomes, respectivamente, da mais velha aos mais novos, eram: Lidia, Lucrecia, Filinto, Antonia e Anna Olympia de Carvalho, todos possuindo o mesmo sobrenome, conforme publicação no jornal *O Paiz*, de 30 de abril de 1878 (p.1).

No referido impresso, constam os autos de inventário e a partilha dos bens deixados em função do falecimento da viúva de Miguel Olímpio de Carvalho, pai de Carlota e dos seus irmãos. Nesse documento, está registrada a venda feita por um de seus tios, José Irinêo de Carvalho, da parte da herança que lhe coube pela morte dos pais, a Miguel Olímpio de Carvalho:

Miguel Olympio de Carvalho. - Está devidamente sellada. - Certifico mais que a folhas 94 dos mesmos autos acha-se o traslado da escriptura do theor seguinte: - Saibão quantos este publico instrumento de escriptura virem que sendo no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos setenta e seis, aos vinte quatro dias do mez de abril do dito anno

nesta vila da Chapada, comarca do Grajahú, da provincia do Maranhão, em meu escriptorio compareceram partes havidas, e contratadas, como vendedor José Irinêo de Carvalho e como comprador o finado Miguel Olympio de Carvalho, representado por seus filhos, D. *Lidia Olympia de Carvalho e Carlota Olympia de Carvalho, maiores de dose annos, e Lu-crecia Olympia de Carvalho, Emigdio Olympio de Carvalho, Filinto Olympio de Carvalho, Antonia Olympia de Carvalho e Anna Olympia de Carvalho*, menores daquella idade, e todos estes menores re-presentados por seu tutor Francisco Duarte Avelino, do que dou fé, e pelo dito vendedor José Irinêo de Carvalho, foi dito perante as duas testemunhas abaixo nomeadas e assignadas, que tinha vendido ao seu irmão o dito finado Miguel Olympio de Carvalho, quando vivo, a herança que pertencia a elle vendedor, e que produzisse dos bens deixados por fallecimento de seus pais, José Joaquim de Carvalho e Dona Carlota Joaquina de Menezes Carvalho, constante do inventario que pelo juízo d'orphãos deste termo está sendo processado, o que fez por escriptura particular, para retificar a mesma venda por meio de escriptura publica; cuja herança que lhe couber no referido inventario dos bens deixados por fallecimento de seus mencionados pais, possuo livres de embargos, penhora ou qualquer outro onus, senão o que fica acima mencionado, atendido de hoje para sempre com todos os seus fructos que até aqui possam ter, ao dito seu finado irmão, hoje aos seus legítimos filhos, herdeiros e representantes acima mencionados, pelo preço e quantia de oitocentos mil réis, moeda corrente, cuja quantia declarou já ter recebido, pelo que dava plena e geral quitação do pago satisfeito, aos referidos herdeiros representantes do supra dito Miguel Olympio de Carvalho. [...] E logo pelo tutor dos menores filhos do comprador Miguel Olympio de Carvalho, me apresentou o salão do conhecimento do pagamento da transferencia de propriedade, devidamente selado que é do teor seguinte: - Souza Junior: - Numero trinta e tres. - Collectoria da Chapada. - Anno de mil oitocentos setenta e cinco a mil oitocentos e setenta e seis. - Imposto transmissão de propriedade. = Reis quarenta e oito mil réis. recebido de Francisco Duarte Avelino, como tutor dos órfãos dos falecidos Miguel Olympio de Carvalho e sua mulher dona *Maria Francisca de Carvalho*, quarenta oito mil réis, moeda corrente, procedimento de herança pertencente a José Irinêo de Carvalho que no inventario e partilha dos bens deixados por falecimento de seus pais José Joaquim de Carvalho e Dona Carlota Joaquina de Menezes Carvalho, tem direito e que vende auditto Miguel Olympio de Carvalho nas pessoas dos seus herdeiros filhos, correspondente a quantia de oitocentos mil réis, por quanto foi vendida a mesma herança [...] – Chapada, 27 de fevereiro de 1878. O escrivão, Cyriaco Fernandes d'Assumpção (*O PAIZ*, de 30 de abril de 1878, grifos nossos).

Um fato enigmático, até então, era o nome da mãe dos irmãos Carvalho que não foi citado na primeira edição livro *O Sertão* (1924), nem na segunda (2000) e tampouco na terceira edição (2011), nem pelos próprios irmãos Carvalho (Carlota e Parsondas) em vida. Apenas na reportagem citada anteriormente, descobrimos que o nome da mãe dos irmãos Carvalho era Maria Francisca de Carvalho, que, aparentemente, foi ocultado por motivos ainda não conhecidos.

As informações dessa publicação também nos dão indícios do ano de nascimento de Carlota Carvalho, pois o texto informa que ela era uma das irmãs mais velhas, com mais de 12 anos. Esse dado nos leva a inferir que ela pode ter nascido na década de 1860, tendo em vista o ano de publicação da reportagem. Essa matéria

também é o primeiro registro do nome completo de Carlota na imprensa, de acordo com o levantamento executado no banco de dados da hemeroteca digital da Biblioteca Nacional.

Uma indagação também surge com as informações apresentadas no jornal: Por que o nome de João Parsondas de Carvalho não aparece entre os filhos no inventário da viúva de Miguel Olímpio de Carvalho? Esse fato nos leva a sugerir que ele fosse filho apenas de Miguel Olímpio de Carvalho.

Sobre a infância de Carlota, não temos muitas informações. Porém, na obra *Factos e Contos*, também de sua autoria, na terceira parte do capítulo intitulado “A rôla ferida”, publicado no jornal *Diário de São Luiz*, em 1924, temos uma narração da própria autora que rememora uma situação de sua infância:

Corria o mez de junho em uma manhã de frio intenso fui a sentar-me a porta de casa para aquecer-me aos raios do Sol. Vi aparecer um grupo de meninos bonitos de laços, feitos de talos da palha do buriti, para caçar em lagartixas enquanto outros fazem arapucas para pegar passarinhos. Debalde tentei dessuadi-los. Uma boa mulher, Maria Neves, tem filhos que fazem lembrar os circunceliões: quebram as plantas, torturam os pequenos animais, tudo isso porque a mãe acha a cousa muito natural e não os reprehende.

Tais fatos trouxeram a mente uma evocação do passado, lembrança de dias que não voltam, recordações da infancia.

Quando menina, numa fazenda de meus pais - Mauá -, no baixão da colônia, acompanhava meus irmãos e outras crianças a esses fiéis divertimentos, não para ver enforcar as infelizes lagartixas, mas para subtrai-las da crueldade.

Para isso conseguir, fingia solidariedade as crueldades, obtinha concessão de as estrangular e dava a eles a liberdade.

Notando que eu soltava, não queriam mais dar-me outras. Não sendo atendida, tirava me sobre eles, quebrava os laços e libertava os animaizinhos. Outras vezes, minha intervenção fazia se sentir em benefício das rolinhas, que se juntavam em roda do pilão de descascar arroz, catando os grãos, que caíam no chão.

Um dia entretida com bonecas, tardei em seguir os meninos e cheguei ao lugar depois de ter sido atingida, por pedrada uma rolinha que teve a asa quebrada.

A custa de pedidos e instancias obtive “a rôla ferida”. Trouxe-a para casa e tratei a com desvelo. O primeiro curativo consistiu em uma agua fria e o segundo na aplicação de folhas de mastruço bem triturados, sem duvida o mais poderoso agente therapeutico em casos de fraturas osseas.

Guardei-a em uma gaiola colocando a salvo dos gatos, alimentei e zelei-a por muito tempo.

Boa e gorda, a rôla presa parecia insatisfeita. Tinha cantos magoados que me enterneciam. No som geralmente de sua voz eu percebi queixumes, eu realizava protestos, mas eu compreendi a legítima aspiração a liberdade.

Mas eu amava-a e senti a dor da separação que fez meu choro vir. Minha proteção de a conservar e o pesar de tela encarcerada venceu a consciencia do justo. Resolvi restituir a liberdade. No domingo muito cedo minha mãe saiu a passeio com alguns dos meus irmãos. Tirei a rôla da gaiola, beijei-a e a soltei debaixo da frondosa limeira defronte a casa, e outras pulavam.

Ela foi recebida e meteu-se entre as outras, confundindo-se no número e não pude mais distingui-la depois (*DIÁRIO DE SÃO LUIZ*, 10 de outubro de 1924, p. 2).

Com esse relato de Carlota, percebemos o quanto ela, desde criança, demonstrava autonomia e independência. Ela entendia a necessidade de se colocar ao lado dos meninos para executar seu projeto de desfazer as armadilhas montadas por eles contra os pequenos animais. Fazia-se de pouco habilidosa e, fingindo solidariedade aos meninos, realizava seu intento de proteger os bichos, pelos quais nutria compaixão.

Foi ao lado dos seus dois irmãos, Parsondas e Emidio de Carvalho, que se sucederam os acontecimentos mais marcantes de sua trajetória social. Contudo, foi a presença de Parsondas que mais marcou a sua existência, já que foi com ele que ela passou a maior parte da sua vida.

## **1. 2 A educação de Carlota Carvalho: uma professora normalista**

A formação intelectual de Carlota pode ser atribuída à herança familiar, já que desde gerações anteriores, a relação com a escolarização e o culto às letras faziam parte da intimidade do seu lar. Seu avô paterno, José Joaquim de Carvalho, fundou uma escola onde lecionava escrita, aritmética, latim e gramática. Seu pai, Miguel Olímpio de Carvalho, estudou nessa escola rural, adquirindo o gosto pelos estudos, que mais tarde transmitiria aos filhos. Além disso, a própria autora nos informa que eram descendentes de poetas, políticos e de professores autodidatas (CARVALHO, 2000; 2011; 2017, p. 169).

De acordo com algumas narrativas colhidas por Sálvio Dino, Carlota era uma mulher muito reservada, de pouca conversa com os vizinhos (DINO, 2006). Mas que, mesmo assim, não se deixou levar pela visão convencional de que o lugar das mulheres não era nas academias, jornais ou escolas.

Certamente, Carlota foi alfabetizada no seio familiar durante sua infância, como era costume na época, já que pertencia a uma família que era culta há várias gerações. Como ela mesma afirmou, cresceu “entre os livros”, em um ambiente em que se “respirava cultura” (CARVALHO, 2000; 2011; 2017, p. 169-170), onde se discutiam assuntos importantes acerca do Maranhão e do Brasil.

Essa familiaridade com os estudos aconteceu por meio dos “colóquios no recesso do lar”. Isso nos mostra que o gosto pelo saber na família Carvalho foi cultivado no seio familiar, sendo ela uma mulher oriunda de uma família letrada, tinha

acesso às poucas bibliotecas que existiam, o que proporcionou a essa mulher uma excelente formação intelectual (CARVALHO, 2000; 2011; 2017, p.170). Carlota também nos relata que além dela, tias, ou seja, também as meninas, estudaram e guardaram memória dos fatos e das conversações ouvidas (CARVALHO, 2000; 2011; 2017, p. 170), o que nos mostra que havia aprendizado também pela história oral.

Segundo Louro (2007, p. 447), a educação feminina não era ofertada às mulheres com base nas necessidades delas, pois tinha como “... justificativa [...] a função social de educadora dos filhos”. Para Carlota Carvalho, a educação proporcionou a ela, ao mesmo tempo, uma formação para a vida no lar e uma preparação para além do espaço privado da casa, como um prelúdio do que ela se tornaria no futuro, uma professora.

Ainda adolescente, no ano de 1884, foi levada para Belém, onde estudou o curso Normal, conforme trecho do capítulo do livro *Factos e Contos*, também de autoria de Carlota, intitulado “A Madrinha Imposta”, publicado no jornal *Diário de São Luiz*, de 21 de novembro de 1924, onde a própria autora descreve o seu percurso até chegar à capital paraense para estudar.

Em 1884 eu pisava pela primeira e ultima vez a riba do imponente Araguaia. Acompanhada por meu irmão Emygdio Olympio de Carvalho e pela escrava Benedicta que herdei de meus paes, eu havia deixado o torrão natal e emigrava para o Pará, aonde, eu e o meu irmão, pretendiamos preparar-nos para o professorado (*DIÁRIO DE SÃO LUIZ*, de 21 de novembro de 1924, p.2).

Carlota e seu irmão Emídio de Carvalho se dirigem em 1884 até a capital paraense para estudar na Escola Normal para se tornarem professores, tendo posteriormente exercido docência na região amazônica, e no Maranhão, após a morte de Parsondas, como professora itinerante no sertão maranhense.

A Escola Normal no Pará foi criada por Ato de Regulamento, de 09 de junho de 1874, conforme relatório apresentado ao Exmo. sr. dr. Francisco Maria Corrêa de Sá e Benevides pelo Exmo. sr. dr. Pedro Vicente de Azevedo por ocasião de passar-lhe a administração da província do Pará no dia 17 de janeiro de 1875. Essa escola visava “preparar os que se destinam ao magisterio publico primário”, composta por um curso de “tres annos e o pessoal de 6 professores, além de um diretor”, e o curso funcionava alternadamente nas dependências do Lyceu Paraense e no Colégio N. S. do Amparo (PARÁ, 1875, p. 28-29).

O currículo da Escola Normal do Pará compreendia as seguintes cadeiras, distribuídas em três anos, conforme podemos verificar em publicação de *O Liberal do Pará*, de 17 de fevereiro de 1882 (p.1):

ESCOLA NORMAL PRIMARIA.

Esta escola tem por fim formar professores e professoras primarios. Rege-se pelo regulamento de 9 de junho de 1874.

O seu ensino abrange as seguintes materias:

1.º anno

Theoria de musica, arithmetica até proporções, grammatica philosophica da lingua nacional, com exercicios de orthographia e analize etymologica, religião, geographia e noções de cosmografia geral.

2.º anno

Exercicio de solfejo, grammatica com exercicios de orthographia, e analyse logica e redação, pedagogia e legislação do ensino, continuação de arithmetica, historia do Brazil e desenho linear.

3.º anno

Noções de literatura portugueza, geometria plana, noções de historia universal, dezenho de ornamentos architectonicos e theorias de sombras.

Na época em que Carlota Carvalho se dirigiu a Belém do Pará para realizar o curso Normal, na província do Maranhão, não havia nenhum curso preparatório para professores. A primeira Escola Normal do Maranhão foi fundada apenas em 1840, após a chegada do professor Benício Conduru, que foi, a custas da província, enviado à França para aprender o método *lancasteriano*. Porém, em 1844, ela foi substituída por uma escola de primeiras letras devido à falta de alunos mestres interessados em se matricular (NOGUEIRA, 2009).

No Maranhão, apesar dos esforços da Sociedade Onze de Agosto<sup>7</sup>, com a tentativa de fundar uma Escola Normal em 1872, foi somente em 1890, que o governo provincial criou uma Escola Normal que realmente viria a cumprir a missão de formar o seu professorado (TOURINHO; MOTTA, 2012).

Na Escola Normal do Pará, o curso para mulheres se diferenciava do oferecido ao público masculino, pois seguia o discurso de que a mulher deveria ser mãe e

---

<sup>7</sup> Grupo formado por alguns intelectuais maranhenses, entre eles: Antônio de Almeida Oliveira e João Antônio Coqueiro, que criaram uma escola por meio de iniciativa privada que surge em oposição à educação elitista que era administrada no Liceu Maranhense. Estabeleceu-se como importante instituição de atenção à comunidade de baixa renda. Porém teve atuação bastante efêmera, pois sofreu com intervenções do setor público que por fim, em 1884, interrompe o empreendimento de uma Escola popular no Estado (CASTELLANOS; CASTRO, 2015).

terna, vocacionada para educar crianças, como consta na fala do presidente de província:

Com seu espírito menos ocupado com interesses materiaes, ella ensina facilmente aos outros a prezar, sobretudo, o interesse moral: branda, a mulher comunica as crianças na sua brandura, a pureza. Ella conhece melhor a natureza mysteriosa das almas juvenis, ou pelo menos, um instincto seguro a faz adivinhal-a (*O LIBERAL DO PARÁ*, de 02 de maio de 1882, p. 1).

Seguindo essa lógica, Ferreira (1998) observa que isso é bem representativo do que se esperava da mulher no momento de desempenhar as atividades educativas. Assim, o currículo da formação das professoras de Primeiras Letras procurava inserir o estudo de conteúdos que concorriam para incutir a ideia do cuidado. Uma visão claramente estereotipada da professora, de quem se esperava o desenvolvimento de um papel mais relacionado à "maternagem, que naturalmente lhes fornece atributos como paciência, meiguice, doçura e bondade" (FERREIRA, 1998, p.49).

Nesse contexto, enquanto Carlota Carvalho estudava na escola Normal em Belém, Parsondas de Carvalho foi morar em Boa Vista de Goiás (atual cidade de Tocantinópolis, Tocantins) até meados da década de 1880 (CARVALHO, 2017).

Leite Andrade, renomado político e jurista paulista, avô do modernista Mário de Andrade, em seu livro *Apontamentos de Viagem*, escrito durante sua viagem pelos rios Araguaia e Tocantins, em 1882, dedica algumas páginas de sua obra para comentar seu encontro com o jovem Parsondas, irmão de Carlota Carvalho, que é tratado como "chefe político da Boa Vista que descia para o Pará depois de carregar o seu bote de castanhas" (MORAES, 1882, p. 192). Conforme esse relato, em 1882, Parsondas passou a residir em Belém, período em que Carlota estudava o curso normal.

### **1.3 A carreira docente de Carlota Carvalho**

Carlota e seus irmãos Parsondas e Emídio Carvalho, assim como o seu avô paterno, foram professores e ensinaram em várias localidades do sertão maranhense e na região amazônica (CARVALHO, 2000; 2011; 2017).

Carlota nos informa que ela e Emídio de Carvalho exerceram a profissão de professores na ilha de Bailique, da Comarca de Macapá, em escolas de primeiras

letras criadas, pela Lei Provincial nº 1285, de 13 de dezembro de 1886, descritas da seguinte forma: “duas escolas de ensino primário, compreendendo Gramática, Geografia e História do Brasil e Aritmética, sendo uma para o sexo masculino e uma para o sexo feminino” (CARVALHO, 2000; 2011; 2017, p. 341).

As aulas de ensino primário de Bailique constam no relatório do presidente da província do Pará, dr. Joaquim da Costa Barradas, de 17 de março de 1887:

Como v. exc. sabe, foram creadas na ilha de Bailique uma parochia, duas escólas de primeiras lettras e uma collectoria provincial. Com excepção da parochia, que ainda depende da designação do sacerdote, funcçionam já ali empregados (professores) por mim nomeados (PARÁ, 1887, p. 11).

A fala do presidente da província deixa claro que os professores, no caso, Carlota e Emídio de Carvalho, já estavam lecionando nessa escola no momento da publicação do relatório. Esse dado de 1887, posto que não sabemos exatamente qual era a idade de Carlota, nos permite supor que ela contasse com cerca de 25 anos, idade em que se admitia a docência por mulheres (PRIORE, 2009).

Sendo assim, Carlota foi nomeada no Pará, juntamente com seu irmão Emídio, pelo Ato Provincial de 5 de janeiro de 1887, sendo a primeira professora do arquipélago de ilhas da freguesia de Bailique, hoje território do estado do Amapá. Receberam seus respectivos títulos no dia 21 de janeiro de 1887, de acordo com o despacho do Tesouro da Província do Pará, publicado no jornal *Diário de Notícias*, de Belém do Pará, no referido dia do mesmo mês e ano.

Sobre esse acontecimento, a própria Carlota Carvalho nos relata o seguinte: “Fomos os primeiros professores que o Brasil enviou à terra em que só tinham terçado armas de guerreiros portugueses, holandeses e ingleses no século XVII” (CARVALHO, 2011, p. 294).

Ela ficou naquela região das ilhas Bailique por dois anos. “Por sugestão da própria Carlota, a sede da escola de Bailique passou para a ilha Curuá maior que Bailique e muito mais habitada” (CARVALHO, 2000; 2011; 2017, p. 341). A própria Carlota relata as dificuldades enfrentadas na ilha de Bailique, o que motivara a sua sugestão de mudança de localidade da escola:

A 28 de janeiro de 1887, aniversário da chegada do ilustre Nauta Vicente Pínzon aquelas Ilhas, embarcamos para a ilha Bailique, que tinha somente dois moradores sendo um prático Feliciano, contratado para o “Viseu”.

Além de ser quase desabitada é inconveniente pela dificuldade de apanhar água potável e bebível, mandada buscar em barco movido a vela no meio do Canal Grande, e esta mesmo é tão salobra que dá gosto desagradável o café feito com ela pela manhã.

Água boa mesmo só da chuva, que é cuidadosamente apanhada e conservada por alguns dias (CARVALHO, 2000; 2011; 2017, p. 342).

Carlota ainda informa que a sugestão foi dada também por não haver casas para a instalação das escolas, além de a ilha ser muito longe da moradia dos alunos e não haver água potável bebível (*DIÁRIO DE SÃO LUIZ*, de 08 de dezembro de 1924, p. 1). Em face dessa situação, ela solicitou ao presidente da província e ao diretor da instrução pública a transferência da sede da escola para a ilha Curuá, a qual também pertencente ao arquipélago de Bailique, por ser maior e muito mais habitada, onde o português Domingos Mourão pôs à disposição dela e de Emídio duas casas boas na ripa do Igarapé Limão (CARVALHO, 2000; 2011; 2017).

A mudança da sede das escolas primárias de Bailique foi confirmada no relatório do presidente da província do Pará, do Exmo. sr. Joaquim da Costa Barradas, de 17 de março de 1887, o qual se segue, em que ele explica os motivos para a transferência da escola:

Quanto às escolas, attendendo ao que me representaram os professores, (Carlota e Emygdio Carvalho) transferi-os para a ilha de Curuá, que faz parte do mesmo archipelago do Bailique, nem só por ser essa ilha menos exposta á inundações, como por ser maior a população que está no caso de frequentar as escolas (PARÁ, 1887, p. 11-12).

Conforme publicação do jornal *O Liberal do Pará*, de 21 de março de 1887, Carlota Carvalho solicitou à inspetoria de higiene tubos de “linfa vacínica” devido à epidemia de cólera, pois o número de casos estava crescendo muito. Sua solicitação foi atendida, o que pode ser comprovado no relatório do primeiro vice-presidente da província do Pará, de 06 de maio de 1888, o Exmo. sr. conselheiro Francisco José Cardoso Júnior, em que consta a relação de escolas na qual os professores receberam os tubos de “linfas vacínicas” e as instruções de como aplicá-las nos alunos, entre as quais estava a escola primária da ilha de Curuá, onde Carlota Carvalho atuava como professora.

Residindo na ilha Curuá, ela informa que o arquipélago de Bailique é formado por sete ilhas e que, quando acontecem as inundações dos rios, os moradores aproveitam para matar, com cacete, cotias, veados, pacas e caititus que subiam em paus ou ficavam “encantoados”. Ela descreve que a caça ocorria de quinze em quinze

dias, em conjunto com a pesca que acontecia praticamente todos os dias, além de falar sobre a abundância de peixes e frutas como o abacate e a banana de variadas espécies (CARVALHO, 2000; 2011; 2017).

No período em que estive na região amazônica, Carlota Carvalho teve algumas complicações de saúde e, em um determinado momento, se afasta da docência para tratar o “mau de saúde”, sobre o qual nos narra em trecho do capítulo do livro *Factos e Contos*, intitulado “Desiderio”, publicado no jornal *Diário de São Luiz*:

Eu era professora publica de Bailique districto judiciario da commarca de Macapá, cujo territorio ora “ilhas de fora” do Amazonas. Sentira-me doente. Desarranjos do estomago regular, mau funcionamento do baço, algumas visitas de febre intermitente, resquício de sezão apanhado no Jacundá, abaixo da “Ita óca”. Pedhi licença de tres mezes para hir tratar-me na capital. O vapor “Viseu”, que fazia uma viagem a cada mez levou-me e deixou na ilha Bailique [...] triste esperar durante um mez a seguinte viagem. [...] em passagem para Chaves, algumas horas de viagem, embarquei acompanhada por minha escrava Benedicta e uma menina de nome Theodora (*DIÁRIO DE SÃO LUIZ*, de 8 de dezembro de 1924, p. 1).

O acontecimento levou o inspetor da instrução pública a fazer uma denúncia ao diretor geral da instrução pública, sugerindo a exoneração de Carlota do cargo, praticamente um ano após a sua nomeação, no dia 7 de fevereiro de 1888, a saber:

Illm. exm. sr. - chegando ao meu conhecimento que a professora do 1º gráo da freguesia do Bailique, d. Carlota Olympia de Carvalho, NÃO RESIDE NESSA LOCALIDADE HÁ MAIS DE 6 MESES SEM MOTIVO JUSTIFICADO, proponho a v. exc. a sua exoneração e a nomeação da normalista d. Silveria Maria de Nazareth Loureiro para substituil-a. - Deus guarde etc (*DIÁRIO DE BELÉM*, 02 de março de 1888, p. 2).

No dia seguinte a essa denúncia, os pais dos alunos de Carlota fizeram um levantamento de assinaturas, atestando que a referida professora estava exercendo sua função normalmente desde a sua nomeação, como consta no jornal *Diario de Belém*, de 09 de março de 1888 (p.2):

Escola do Bailique, - Os paes de familia residentes nessa localidade, tendo sciencia de que a professora do ensino primário, exma. era. d. Carlota Olympia de Carvalho ia solicitar a sua jubilação, e desejosos de dar em uma prova de estima e consideração a distinta preceptora de seus filhos, dirigiram-lhe o seguinte honroso documento, que prova cabalmente a geral sympathia que ali gosa essa senhora.

Eis o documento:

Os abaixo assignados, paes de familia e moradores nas ilhas do archipelago de Bailique, atestam e juram que a professora d. Carlota Olympia de Carvalho se acha no effectivo exercicio de seu cargo desde o dia 29 de janeiro de 1887

até esta data, que tem cumprido suas obrigações, que a sua conducta e moralidade são boas e que, linalmente, nada ha praticado que a desabone, sendo assidua no ensino escolar. E como estejam satisfeitos assignam o presente. Freguesia de Bailique, 8 de fevereiro de 1888.  
(Seguem 67 assignaturas.)

Esse levantamento de assinaturas em conjunto com o atestado médico apresentado por Carlota, um ano e meio depois, faz com que ela receba o ordenado em concordância com o período em que ficou afastada para tratamento de saúde, conforme noticia o jornal *O Liberal do Pará*:

#### EXPEDIENTE DO SECRETARIO

Ao diretor geral da instrução publica. - O exm. sr. presidente da provincia manda comunicar a v. s. para os devidos effeitos, que, tendo a professora da escola de 1º grau da freguezia do Bailique d. Carlota Olympia de Carvalho, provado com atestado medico o seu máu estado de saude, resolveu mesmo exm. sr. que lhe seja pago o ordenado a que tiver direito, durante a licença de tres mezes que lhe foi concedida por acto de 19 de Janeiro findo (*O LIBERAL DO PARÁ*, Belém do Pará, 19 de julho de 1889, p. 2).

No dia 4 de junho de 1889, o presidente da província, o Exmo. sr. dr. José de Araújo Rosa Donin, expediu uma portaria em que atende a um requerimento feito pela própria Carlota Carvalho, no qual solicita transferência para a freguesia de Veiros. Essa portaria foi publicada no jornal *O Liberal do Pará*, em Belém do Pará, em 22 de agosto de 1889 (p. 2):

#### EXPEDIENTE DO GOVERNO

Dia 4 de junho de 1889

Portarias

- O vice-presidente da provincia, attendendo ao que requireo a professora da escola de 1º grau da freguezia de Bailique, d. Carlota Olympia de Carvalho, resolve removê-la para qual cathegoria da freguezia de Veiros que se acha vaga.

No jornal *O Liberal do Pará*, de 25 de junho de 1889 (p. 3), é anunciada a demissão de Emílio Olímpio de Carvalho do cargo de professor da ilha de Bailique, por uma comissão instituída pelo presidente da província do Pará, dr. Antonio José Ferreira de Braga, como consta: “- Demittio os professores do Bailique, Emigdio O. de Carvalho; e de Mazagão, p. Anna Pereira do Livramento, por terem sido nomeados sem concurso, contra expressa determinação da lei.”

Em agosto do mesmo ano, por portaria expedida pelo presidente da província, Exmo sr. dr. Antonio José Ferreira Braga, é nomeada a professora normalista d. Adelaide Ignacia de Souza em lugar de Carlota na escola da ilha de Bailique:

- nomeou-se a normalista d. Adelaide Ignacia de Souza para reger a escola de 1º grau do sexo feminino do Bailique, vaga, pela remoção para Veiros, da professora d. Carlota Olympia de Carvalho (*O LIBERAL DO PARÁ* – Belém do Pará, 9 de junho de 1889).

#### EXPEDIENTE DO GOVERNO

Dia 7 de agosto de 1889

##### Portarias

- O vice-presidente da provincia, de accordo com a proposta do director geral da instrucção publica, feita em officio de 7 do corrente, resolve nomear normalista d. Adelaide Ignacia de Souza, para reger a escola de 1º gráo do sexo feminino do Bailique, vaga pela remoção da professora d. Carlota Olympia de Carvalho, para Veiros (*O LIBERAL DO PARÁ* - Belem do Pará, 23 de agosto de 1889).

Em 21 de setembro de 1889, Carlota Carvalho foi demitida do cargo de professora normalista da freguesia de Veiros, conforme atesta reportagem do jornal *O Liberal do Pará*, da mesma data, não se sabendo os motivos que levaram à demissão de Carlota.

- O vice-presidente da provincia, tendo em vista as propostas do director geral da instrucção publica, feitas em officios nrs 210 e 269 de 23 do maio ultimo e de hontem, resolve, de accordo com o parecer do conselho, demittir a bem da mesma instrucção, a professora de 1º grau de Veiros d. Carlota Olympia de Carvalho; bem assim declarar em vigor a portaria de nomeação interina da normalista d. Dolcinéa Ferreira dos Santos, para mesma escola (*O LIBERAL DO PARÁ*, 21 de setembro de 1889, p. 2).

Com as demissões, Carlota e Emídio Carvalho passaram a acompanhar o irmão Parsondas de Carvalho, que atuava como jornalista e advogado provisionado no Amapá e em Belém (CARVALHO, 2017). O *Correio Paraense*, de 23 de dezembro de 1893 (p.1), registra, em primeira página, a chegada de Parsondas e Carlota a Belém, ambos presos e escoltados por 10 praças, a mando do subcomandante da Fortaleza de São José de Macapá. A detenção teve como causa a defesa que faziam dos ideais liberais. Eles ficaram detidos no 4º Batalhão de artilharia e foram colocados em liberdade no dia 29, sete dias depois, isentos das acusações.

Carlota também esteve na Vila de Muaná, município localizado no sul da ilha de Marajó, onde Parsondas advogou e exerceu o cargo público de juiz. Os indícios apontam que Emídio Olímpio de Carvalho dedicou-se pouco tempo ao magistério, pois atuou como delegado de polícia da vila de Muaná, por meio de nomeação feita pelo irmão João Parsondas de Carvalho, sendo delegado de polícia entre agosto de

1891 e novembro de 1893 (*A REPÚBLICA*, 04 de agosto de 1891; *O DEMOCRATA*, 02 de novembro de 1893).

Na capital paraense, Parsondas de Carvalho trabalhou também como jornalista no *Diário do Grão-Pará*, jornal do *Commercio*, *Correio Paraense* e *Diário de Notícias*, conforme reportagem do jornal *A Pacotilha*, de 24 de outubro de 1896 (p.1). Nos dois últimos, atuou ainda como redator-chefe (*A República*, 05 de março de 1893, p.1). Em Belém, conquistou fama por sua intelectualidade e postura de índole socialista, ao lado de Bento Aranha, Juvenal Tavares, Eugênio Ataliba e os poetas Natividade Lima e João Nilson. No Pará e no Amapá, atuou também como advogado e tornou-se conhecido por sua crítica destemida e pelos embates que promoveu pelos jornais, os quais lhe renderam perseguição política, no que podemos destacar a perseguição do governador Lauro Sodré<sup>8</sup> por Parsondas ser a favor da causa indígena em relação a possessão de terras (CARVALHO, 2000; 2011; 2017).

Em outubro de 1895, devido a uma ação movida na comarca de Imperatriz, Parsondas foi preso em Belém e extraditado para julgamento no Maranhão, onde ficou preso durante quatro meses, tendo sido solto por *habeas corpus* concedido pelo tribunal Superior de Justiça, no Rio de Janeiro. Libertado em fevereiro de 1896, voltou para Belém, mas, em 28 outubro do mesmo ano, deixou o Pará e retornou a Boa Vista do Tocantins, ficando dois anos, “acompanhado de sua exma. irmã, cunhado e dois irmãos” (*A PACOTILHA*, 28 de outubro de 1896, p.2).

Na virada do século XIX para o XX, retornam ao Maranhão, residindo na Vila de Imperatriz até o ano de 1904. Entre 1902 e 1903, Parsondas publicou simultaneamente no *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro, e na *Pacotilha*, de São Luís, os acontecimentos da chamada “Guerra dos Leda” (CARVALHO, 2017).

Depois, Carlota e Parsondas viajaram para o Rio de Janeiro, ficando lá até o ano de 1907, época descrita por Carlota como um período em que realizou estudos especiais (CARVALHO, 2000; 2011; 2017). Podemos aventar que, nesse período, ela tenha acessado obras de caráter liberal republicanas, que a influenciaram.

Ao retornar ao Maranhão para a Vila de Imperatriz, Carlota e Parsondas teriam sido mestres-escola em diversas fazendas da região, entre elas a Pedra Ferrada,

---

<sup>8</sup> Lauro Sodré foi um militar e político brasileiro, governador da província do Pará no final do século XIX – conforme Carlota descreve, ele se utilizava de estratégias colonizadoras para tentar civilizar os autóctones (dando ferragens, espelhos e roupas) e conseqüentemente se utilizando do uso da força para os expulsar das terras, chegando a fuzilar os que não eram batizados na fé católica (CARVALHO, 2017, p. 287-290).

antiga propriedade da família Viana, localizada no atual território do município de Amarante do Maranhão (BARROS, 2012).

Conforme a autora Diomar Motta (2002, p. 6), ao retornar para o Maranhão, Carlota passou a residir, durante algum tempo, na cidade de Carolina, lugar que considerava o centro intelectual do sertão maranhense na época. Lá, Carlota conviveu e aprendeu com homens e mulheres que estudavam e aprendiam pelo gosto de saber, onde “o amor às letras e ao útil desenvolvimento do raciocínio [era] comum a ambos os sexos”, alcançando mulheres que, como ela, se dedicavam à docência, tais como Josyna Ayres, professora, poetisa e oradora, e Maria Luiza Chrisantina, pertencentes ao círculo intelectual de Carolina (CARVALHO, 2000, p. 86).

Em abril de 1919, Carlota saiu da capital maranhense no navio “Acre” com destino ao Rio de Janeiro, novamente com seu irmão Parsondas. Em 1924, publicou a sua principal obra *O Sertão* (CARVALHO, 2000; 2011; 2017).

Em setembro de 1924, em reportagem publicada no *Diário de São Luiz*, de 24 de setembro de 1924, o jornalista Tito Novaes desmente a notícia de uma suposta morte de Carlota Carvalho, que havia sido publicada pelo *Diário do Tocantins*, de 27 de julho de 1924. Tito Novaes afirma ser falsa a notícia de que Carlota Carvalho havia falecido no Rio de Janeiro, declarando: “Estão malucos, de certo, contando que não se deu as notícias dessa ordem, não se dão com espalhafato... Crédo... Cruz... ô pé de pato... Não matem quem não morreu” (p. 4). Sua fala evidencia como ele ficou chocado com a notícia mencionada.

Em 1926, o companheiro de andanças de Carlota, Parsondas de Carvalho, morreu em Imperatriz, conforme reportagem em primeira página do jornal *A Pacotilha*, de 03 de junho de 1926 (p. 1). Nela, registra-se que o sr. secretário geral do Instituto de História e Geografia do Maranhão - IHGM, o dr. Antonio Lopes, envia um telegrama “em seu nome e do Institucto”, manifestando condolências a Carlota. O fato foi confirmado por artigo escrito na revista do IHGM, anunciando a morte de Parsondas com pesar e informando ter fechado suas portas em luto pela terrível morte. No artigo, registra-se: “Enviaram um telegrama à sua irmã Carlota, com quem morava na região de Montes Altos, próximo a Imperatriz” (REVISTA ..., 1926, p. 67).

No sertão maranhense, a partir da década de 1930, Carlota exerceu a docência de primeiras letras em vários municípios da região centro-sul. Contudo, ainda que durante a pesquisa tenhamos encontrado várias informações sobre a educação na região, a atuação de professores e professoras e as instituições de ensino do sul do

Maranhão e norte do Goiás (atual estado do Tocantins), em *O Sertão* e nos jornais, Carlota pouco fala de sua atuação como professora.

Entretanto, os escritos de Carlota sobre a realidade da educação no sertão maranhense nas últimas décadas do século XIX e primeira metade do século XX demonstram seu grande conhecimento sobre a verdadeira realidade dos maranhenses, abordando também as condições de trabalho dos professores, professoras e letrados, que se dedicavam ao saber, quando afirma: "Conduz livros através de florestas e imerge-se no sublime dos ideais, esquecido do precário de sua existência sob um teto de palhas, mal vestido, descalço e mordido por mutucas e muriçocas, tendo um livro na mão" (CARVALHO, 2000, p.150).

Conforme Lima (2021), em seus textos, Carlota denuncia o abandono educacional a que a população sertaneja estava submetida e a total inexistência de políticas educacionais para enfrentamento dessa realidade. Carlota afirmava que as tentativas individuais e particulares não eram capazes de vencer o problema.

Podemos perceber que os indícios apontam que, no sertão maranhense, Carlota não foi professora pública, mas, a exemplo de seu irmão João Parsondas, passou a se dedicar à função de professora itinerante, que, como informa Lima (2021):

[...] era uma categoria docente muito presente na realidade sertaneja do século XIX e meados do século XX. Os professores itinerantes foram figuras importantes no contexto educacional do sertão maranhense e sua presença foi crucial para levar educação, em especial, das primeiras letras, aos lugares mais distantes, aonde o estado não chegava.

As escolas eram criadas por iniciativa particular, sendo que o pai, geralmente, das famílias abastadas, contratava professores para escolarizar os filhos, e estes, uma vez contratados, por um certo tempo, passavam a morar nas dependências da propriedade rural, onde os filhos do contratante e de outros proprietários do entorno se dirigiam para receber os ensinamentos. As aulas se davam em salas multisseriadas, que acolhiam alunos com idades diversas. A escola, geralmente, consistia em um cômodo improvisado nas dependências da propriedade rural (LIMA, 2021, p. 144).

O escritor memorialista Augusto de Oliveira Milhomem, na década de 1930, já após a morte de Parsondas e a publicação de *O Sertão*, ressalta essa realidade em seu livro *Abrindo Caminhos* (1995). Ele nos informa sobre essa prática, ao descrever a escola da propriedade de sua família (fazenda Campo Alegre, localizada no atual território de Montes Altos), na qual Carlota, já com idade avançada, contando, acredita-se com 67 anos, teria trabalhado como mestre-escola, no período de 1930-

1931. Foi nessa escola, que ele, no ano de 1931, teria sido aluno de Carlota Carvalho:

[...] por indicação de um primo e muito amigo do papai, o tio Emydio Ferreira Soares, que deu as melhores informações sobre os dotes culturais da pessoa indicada. Não fazia muito tempo, saiu a edição do livro *O sertão* - subsídios para a história e geografia do Brasil de autoria de Carlota Carvalho, editado pela empresa editora de obras Científicas e Literárias - RIO DE JANEIRO - BRASIL, 1924. Papai tinha seu livro e o havia lido diversas vezes. Pensou tratar-se de engano, por parte do primo... Era, então, corrente, que aquela obra não tinha saído diretamente do estro da professora Carlota, mas, sim, envolve uma trama fraternal que jamais alguém poderia ou poderá desvendar (MILHOMEM, 1995, p. 31).

Nessa declaração, aparece a polêmica de que Carlota não seria a escritora do livro *O Sertão*, demonstrando que esse assunto era partilhado por contemporâneos dela. Augusto de Oliveira Milhomem descreve outras situações vivenciadas como aluno de Carlota Carvalho:

Instalada a escola, como era de praxe, os alunos sentados nos longos bancos de madeira, em volta do salão; a professora no canto que dava para a janela, perto da porta de entrada; e no centro para os ditados, uma grande e alta mesa, em volta da qual ficavam as cadeiras, algumas altas outras mais baixas, para possibilitar aos meninos muito baixinhos, uma posição satisfatória para a escrita (MILHOMEM, 1995, p. 32).

De acordo com Milhomem (1995, p. 32), a metodologia de ensino utilizada pela professora Carlota Carvalho para a alfabetização tinha uma sequência, sendo que se começava pelo "A, B, C, em letras impressas e manuscrita; a minúscula ao lado da maiúscula correspondente" e as "lições eram seguidas da primeira e a mais simples lição, contendo, as letras iniciais das principais palavras". A identificação das letras era o primeiro passo, seguida da soletração e posterior pronúncia das palavras (MILHOMEM, 1995, p. 32-33).

Ele declara que essa metodologia era "divertida" e que não demorou para que dominassem a leitura e tece elogios à letra da professora que, em sua opinião, era muito bonita. E nos informa ainda que, na cartilha, "quase sempre, vinha uma figura ou retrato do objeto ou animal que encerrava o motivo central da lição" e que as lições de aritmética consistiam em "decorar a tabuada" (MILHOMEM, 1995, p. 32-33).

Contudo é de Milhomem (1995) um relato que até hoje ecoa junto a pesquisadores que advogam contra as capacidades intelectuais de Carlota Carvalho, conhecido como o caso do "regrador", que vem sendo utilizado como prova de sua

falta de cultura e até mesmo de ser iletrada, o que, conseqüentemente, a desqualificou enquanto professora e autora de *O Sertão*.

Na narrativa em questão, Milhomem (1995) conta que, ao ir embora da fazenda, de "bagagem pronta para partida, lembrou a viajante [Carlota] de que seu "REGRADOR" havia ficado solicitando que o objeto lhe fosse levado" (MILHOMEM, 1995, p. 31). Segundo o autor, esse evento evidencia que Carlota desconhecia o nome correto do objeto "regador", com o qual se rega as plantas, avaliando-a, portanto, a partir dessa situação, como uma ignorante.

Ao fazer a leitura do texto de Milhomem, pareceu-nos estranho a insistência de Carlota em trazer consigo um regador, que segundo Lima (2021) regar plantas não era algo indispensável para o seu ofício de professora, para o qual estava ali contratada.

De acordo com Lima (2021), o caso do "regador" foi apenas mais um dos artifícios utilizados na tentativa de desconstruir a imagem de Carlota Carvalho enquanto professora e intelectual. Ela nos informa que:

Ao comentar o episódio do "regador" com algumas mulheres de ambiência sertaneja, estas descreveram o objeto, como um antigo aparelho de higiene pessoal, geralmente utilizado para a assepsia "das partes íntimas", sendo que sua utilização está ligada tanto às questões de higiene como às práticas curativas. Supõe-se que tenha sido esse o motivo pelo qual Carlota respondeu de forma lacônica ao seu interlocutor, quando este tentou corrigi-la quanto à pronúncia do termo em questão.

"Ela tinha um regador?!" me perguntou, com surpresa, a colega professora Margarida Chaves, que, na sequência, me informa que o "regador" é objeto de uso frequente no ambiente sertanejo. Quem o possuía guardava certa discrição, por ser destinado, especialmente, à higiene feminina, além de ser usado para a prática do "enema" ou "clister". O regador é, segundo ela, cercado por um certo tabu, devido à sua destinação, o que não impedia que através dele se exercesse a solidariedade, pois quem o possui o disponibiliza para uso em certas práticas curativas, como aquelas que requerem lavagens intestinais (LIMA, 2021, p. 150).

Esse episódio do "regador" (ver o Anexo D) se tornou um ponto muito esclarecedor, mas também uma surpresa, pois o regador a que Carlota se referia se tratava de um utensílio de higiene íntima usado pelas mulheres sertanejas na época das regras (menstruação), em uma época cercada de restrições que marcavam uma sociedade cheia de valores morais e de tabus em relação ao corpo.

Sobre isso, Perrot (2005, p. 10) afirma que para a mulher nesse contexto "o pudor é sua virtude, o silêncio, sua honra, a ponto de se tornar uma segunda

natureza. A impossibilidade de falar de si mesma acaba por abolir o seu próprio ser, ou ao menos, o que se pode saber dele”.

Nisso, Perrot (2005, p. 13) continua dizendo que a mulher se cala pela própria imposição social do silêncio, “por pudor, mas também por autodesvalorização, elas interiorizavam, de certa forma, o silêncio que as envolvia”. E podemos dizer que esse silêncio é quebrado pela escrita, que conforme a autora “se faz apenas pelas privilegiadas da cultura”, como é o caso de Carlota Carvalho.

O professor João Parsondas de Carvalho Moraes, no livro *Saganossa: a história* (2013), sobre o processo de desenvolvimento da cidade de Montes Altos, confirma o período em que a professora Carlota deu aula na fazenda Campo Alegre, inclusive nos informa que ela continuou a ministrar aulas em diversas localidades da região, porém sem nomeá-las. Esse foi o último indício que encontramos da atuação de Carlota Carvalho como professora.

Em relação à sua morte, diferentemente do irmão, não se conhece, até o momento, nenhuma menção a seu falecimento e, como resultado, o ano em que sua vida teve fim é desconhecido, assim como o local. O professor João Renôr tem um palpite de que ela pode ter sido enterrada em alguma comunidade de negros, na região de Montes Altos, a que pertencia sua ex-escrava (Benedita), que se tornou sua fiel acompanhante (SANTOS, 2014).

Para o professor João Rênor, os laços entre as duas perdurou por toda a vida da autora, que, na aurora de seus dias, sem nenhum parente, teria ido para o convívio dos parentes de sua companheira. O professor acredita que ela tenha falecido na década de 1940, em um bairro pobre de Grajaú, atual território de Montes Altos. Talvez não tenha vivido muito após a perda do irmão, já que se encontram poucas evidências sobre ela na memória local após a década de 1930.

## 2 CARLOTA CARVALHO, UMA MULHER ESCRITORA: contribuições para a história e a geografia do Maranhão e da Região Amazônica

Claramente, *O Sertão* é a principal obra escrita por Carlota Carvalho. Conforme citado anteriormente, foi publicada em 1924, no Rio de Janeiro, tornando o nome de sua autora conhecido, não apenas no Maranhão, como também por autores que pesquisam sobre a temática (região do sertão) em diferentes regiões do Brasil e até do exterior.<sup>9</sup> Mas o livro *O Sertão* não é o único trabalho escrito por Carlota Carvalho, como acreditam alguns autores, a exemplo de Sálvio Dino.

Durante a pesquisa, percebemos, a partir de fontes em jornais, que Carlota Carvalho escreveu também os livros *Factos e Contos* e *Cosmogonia*. Em se tratando do livro *Cosmogonia*, não foi possível identificar a obra em si, nem encontrar uma confirmação de que esse livro, de fato, tenha chegado a ser publicado. Apenas encontramos uma citação à obra, indicando que Carlota teria "mais dois livros de valor para entrarem no prelo, 'Factos' e 'Contos' e 'Cosmogonia'" (*DIÁRIO DE SÃO LUIZ*, 12 de dezembro de 1924, p. 2). Já a obra *Factos e Contos* foi bastante noticiada no *Diário de São Luiz* no ano de 1924 e, por meio de consulta a alguns de seus números, pudemos ter acesso à boa parte do conteúdo do livro e a anúncios de sua publicação.

Assim, neste capítulo, fazemos uma análise de *O Sertão* e de *Factos e Contos*, utilizando as publicações de trechos dessas obras em jornais. Além disso, abordamos a colaboração de Carlota na imprensa maranhense e a negação da autoria do livro *O Sertão*.

### 2.1 O Sertão

A obra *O Sertão: subsídios para a história e a geografia do Brasil* foi publicada no Rio de Janeiro em 1924 (ver Anexo E), sendo resultante da inquietação de Carlota em relação aos compêndios didáticos da época, nos quais havia distorções geográficas e históricas, e que, segundo ela, eram prejudiciais à formação do educando (MOTTA, 2008). Essa é considerada sua maior obra.

---

<sup>9</sup> Em nossa pesquisa, foi identificada a terceira edição dessa obra, da editora Ética, no acervo da Biblioteca da Universidade de Stanford, estado da Califórnia nos Estados Unidos.

Ela nos informa em seu livro que utilizava o período de suas férias para realizar viagens nos sertões e na região amazônica, descrevendo as paisagens, o relevo e a geografia, enfim, coletando dados que subsidiavam a sua obra *O Sertão* (CARVALHO, 2000; 2011; 2017).

Conforme relatado pela própria autora, não foi possível realizar o lançamento desse livro no ano de 1922, ano do Centenário da Independência do Brasil, por motivos de problemas de saúde, causados por um acidente, em que caiu de um bonde no bairro da Tijuca, no Rio de Janeiro como diz nas primeiras páginas de *O Sertão*:

#### AO LEITOR

Querendo contribuir para a solenização do centenário da Independência, escrevi estes Subsídios para a História e a Geografia do Brasil que pretendia oferecer à respectiva comissão diretora.

Mal acabara e antes do polimento necessário, uma perturbação na saúde impediu que o fizesse.

Depois de um incidente em bonde da Tuca, uma dor prostrou-me onze meses, impossibilitada de andar e sentar.

Diagnosticado o mal - uma nevralgia por uns, reumatismo muscular e radiculite por outros médicos e médicas-, fui submetida a um tratamento sedativo composto de lodeto de potássio e de soda, salicilato de soda, analgesina e colchico em grandes doses e continuamente.

Atuando sobre os nervos, o uso desses medicamentos causou tremuras nos membros e ambliopia, quase amaurose completa. Mal divisava os corpos através de um nevoeiro. Mal via corpos grandes. Não podia ler nem escrever e continuei impossibilitada de mover-me.

Ineficaz para o mal contra o qual foi receitado, o tratamento produziu outro. Ameaçada de paralisia no nervo ótico, parel o uso do iodeto e seus associados.

Em desespero, recorri as sociedades espiritas, que deram consulta mandando não tomar drogas e esperar a ação da natureza, porque o caso era traumatismo

Resignei-me a isto e, meses depois, comecei a mover-me e a vista foi voltando vagarosamente.

Raciocinei que teria sido bastante o repouso, a inação, para modificar e cessar a dor, mas a oportunidade estava perdida e o maço de papel escrito ficou abandonado.

E abandonado ficaria se o doutor Manoel Nogueira da Silva, bibliotecário da Associação de Imprensa, e Irineu Veloso, tesoureiro da mesma, não entendessem, depois de ter, que o trabalho devia ser aproveitado, visto conter "fatos importantes da história do Brasil ainda não conhecidos ou suficientemente esclarecidos e informações geográficas e geológicas necessárias para a organização de um mapa que seja a verdade" (CARVALHO, 2000; 2011; 2017, p. 89-90).

Ela também narra esse incidente, em trecho de *Factos e Contos*, intitulado "Nos vãos da imaginação", publicado no jornal *Diário de São Luiz*, em que relata como aconteceu o acidente:

Estou pela segunda vez no Rio de Janeiro. Região na Rua Major Fonseca, local mais perfeito do bairro de São Cristóvão em 09 de junho de 1920, voltava eu de confortador passeio a alguma escola e Templo Batista no bairro da Tijuca aonde fui assistir aulas e actos religiosos por convite do venerado amigo Joaquim Nogueira Paranaguá, ex senador federal e governador do Piauí e actual presidente da Associação Cristã de Moços, eis que um acidente prostrou-me onze mezes, impossibilitada de andar e sentar. Diagnosticado o mal - uma nevralgia por uns, reumatismo muscular e radiculite por outros médicos e médicas, - fui submetida a um tratamento sedativo composto de biureto de potassa e de soda, salesato de soda, analgesina e colchico em grandes doses e continuamente (*DIÁRIO DE SÃO LUIZ*, 13 de dezembro de 1924, p. 4).

Utilizando o texto da citação anterior, o jornalista Renato Lacerda, na coluna “Bibliografia”, do veículo carioca *O Jornal* (1924), tece uma dura crítica em relação ao estado de saúde de Carlota:

Em consequencia de tal incidente e, talvez de tanto remedio junto, estive a senhora Carvalho "ameaçada de paralisia no nervo optico", e só recorrendo as sociedades espiritas conseguiu que a vista lhe voltasse aos poucos. Diante de tudo isso, apenas um conselho, podemos dar a alterosa escritora: deixe de escrever dos mártires dos olhos no "polimento necessário fechar" a palavra escrita. Afinal, seus livros não são indispensáveis aos leitores e a sua vista essa de ser absolutamente indispensável... (*O JORNAL*, 25 de setembro de 1924, p.1).

Essa crítica, conforme podemos perceber não nos parece referente ao seu estado de saúde, mas sim ao seu ofício como escritora, o que para ele, possivelmente, por se tratar de uma mulher, poderia ser algo dispensado. Ao lermos essa crítica subtemos que o jornalista Renato Lacerda se referia, ao sugerir que ela parasse de escrever, ao cumprimento do papel que era esperado para a mulher naquele contexto. O que acreditamos não ter abatido a prestigiada escritora e autora de *O Sertão*.

Podemos perceber que a publicação da principal obra de Carlota Carvalho só foi possível com a ajuda de um grupo de intelectuais cariocas da Associação de Imprensa como: Manoel Nogueira da Silva (bibliotecário), Irineu Velozo (tesoureiro), Raul Pederneiras (presidente) que deu parecer favorável para a publicação do livro e anúncio pelo veículo de notícias *Jornal do Brasil*, o que conforme ele daria mais visibilidade a obra de Carlota. E ainda destacamos o escritor Luis Murat, membro da Academia de Letras, que achou a obra brilhante e teceu muitos elogios, indicando a publicação pela Empresa de Obras Científicas e Literárias (que acabou por editar o livro e o publicar em 1924); esses fatos contribuíram para que Carlota Carvalho fosse

inserida no meio literário e tornou possível que dois anos depois, “o maço de papel escrito” fosse publicado (CARVALHO, 2000; 2011; 2017, 90-91).

Destacamos que a primeira edição da principal obra de Carlota Carvalho, publicada em 1924, pela Empresa Editora de Obras Científicas e Literárias, com sede no Rio de Janeiro, foi realizada sob a recomendação de Manoel Nogueira da Silva, que assinalava positivamente pela publicação da obra na referida editora. Isso pode ser verificado nas páginas iniciais de *O Sertão*, em seção intitulada "Duas palavras", em que a autora compartilha com o leitor o texto escrito pelo então bibliotecário da Associação Brasileira de Imprensa:

#### DUAS PALAVRAS

A um acaso devo a aventura de aliar meu nome ao da ilustre escritora dos Fatos e Contos e do *O Sertão*. Sou dos que entenderam que os trabalhos monumentais dessa brasileira deviam ser publicados.

A minha tarefa é simples: suspender o reposteiro do pórtico e mostrar.

À vista desta obra detenhamo-nos um momento.

O livro que se vai ler não tem nada de comum com o que se há publicado sobre o Maranhão e a Amazônia, parceladamente, e sobre o Brasil em geral, seus homens, suas coisas.

A escritora é visceralmente rebelde às imposições do convencionalismo mentiroso e causa admiração pela coragem de convencida e o desassombro com que narra os fatos e sustenta suas opiniões.

Por isto é original. E é isto o que assinala o *Sertão* como uma das obras mais notáveis até o presente publicadas.

Na parte geográfica não se pode deixar de marcar com traços de grande destaque os capítulos em que descreve o Tauiri, Itaboca, Vida Eterna, os "maelstrons" do Tocantins e respectivas etimologias, a foz do Amazonas, a pororoca, a origem do nome Maranhão e as hipóteses geológicas do Baixão e dos lagos do Lago Vermelho, suposto leito do Araguaia de outrora.

Na parte histórica não são menos importantes, originais, interessantes, as apreciações da ilustre professora de Bailique e maranhense intrépida.

O duque de Caxias, José Bonifácio, Francisco Sotero dos Reis, Raimundo Gomes, Domingos Calabar, João Fernandes Vieira, padre Anchieta e lord Cochrane aparecem no plenário de um julgamento da História.

Todos conhecem e Sotero dos Reis, gramático, filólogo; neste livro, a autora mostra-o sob um aspecto invulgar, inédito - o Sotero político.

O livro é todo sensacional.

Não faço um prefácio, não escrevo uma crítica. Merece ser lido e meditado.

Suspendo o reposteiro: passai e vede.

Manoel Nogueira da Silva (CARVALHO, 2000; 2011; 2017, p. 87-88).

Verificamos que a rede de relações construída por meio da publicação de seus textos em várias matérias de jornais muito contribuiu para a publicação de *O Sertão* pela Empresa Editora de Obras Científicas e Literárias, bem como ajudou a reafirmar o valor da obra entre os intelectuais da primeira metade do século XX.

Entretanto, o livro caiu no esquecimento dos leitores maranhenses. O lançamento da segunda edição só foi possível 76 anos depois da primeira, quando um exemplar foi encontrado por acaso em um sebo em Belém do Pará (CARVALHO, 2000; 2011; 2017; MOTA, 2008; PACHÊCO FILHO, 2014; SANTOS, 2014).

O brilhante trabalho escrito pela professora Carlota Carvalho nos mostra uma compreensão diferente acerca do sertão maranhense do final do século XIX e início do XX. Em *O Sertão*, ela contesta a visão do autor Euclides da Cunha e descreve o sertão maranhense com riqueza de detalhes, não se restringindo às informações geográficas oficiais do estado do Maranhão (FILHO, 2014). Ademais, mesmo escrevendo com base em suas várias experiências pessoais, Carlota Carvalho não fala somente de si, mas apreende “[...] a formação como uma atividade centrada no sujeito [...] como um paradigma que possibilita mergulhos e reflexões sobre o vivido, lembranças, histórias e representações sobre as aprendizagens e discursos pedagógicos” (SOUZA, 2010, p. 446).

Carlota Carvalho, na sua principal obra, se propôs a fazer uma síntese da história do Brasil no que se refere a seus aspectos políticos. Contudo, seu foco era a história do sul do Maranhão, em múltiplos aspectos: econômicos, políticos, culturais, geográficos etc.

No primeiro livro da professora Carlota Carvalho, ela descreve a conquista e a ocupação do sertão feita por vaqueiros vindos dos estados de Pernambuco e da Bahia, não deixando de mencionar a dizimação de indígenas. Ela narra o nascimento das vilas e cidades e o desenvolvimento da sociedade da época, do povo sertanejo, além de contemplar a geografia fluvial e dos altos sertões maranhenses (CARVALHO, 2000, 2011, 2017; PACHÊCO FILHO, 2014; MOTTA, 2002).

O anúncio de publicação do livro *O Sertão* foi realizado por meio da seguinte matéria:

Com esse título, a Empresa Editora de obras Científicas Literarias, publicou um livro escripto pela professora Carlota Carvalho. O livro é dividido em duas partes e contendo as informações mais exactas sobre a geografia e história do Brasil, dando a história verdadeira e não panegyricos loudatorios. No julgamento dos competentes, é uma obra que merece ser lida e meditada (*O BRASIL*, de 06 de agosto de 1924, p.7).

O mesmo anúncio é encontrado também em vários jornais do Rio de Janeiro, como o *Correio da Manhã*, de 06 de agosto de 1924 (p.2) e a *Gazeta de Notícias*, de 07 de agosto de 1924 (p.5).

Na imprensa maranhense, no jornal *Folha do Povo*, de 24 de setembro de 1924 (p.2), com matéria intitulada “O Sertão” é feito um elogio à obra, o qual destacamos:

A sra. d. Carlota teve a nímia gentileza de oferecermos um exemplar da sua obra, apreciada e julgada de grande valor para os nossos dias, denominada *O Sertão*. Iremos lê-la. No entanto é-nos permitido dizer, que as apreciações que precedem, revelam-lhe como uma das melhores produções nacionais no género científico e literário. Agradecemos a atenção da autora e mandamos-lhe os nossos cumprimentos pela acolhida que há tido no mundo das letras.

Com esse trabalho e sua publicação, Carlota Carvalho conseguiu reconhecimento intelectual. Em seu livro, ela nos mostra um senso crítico bem formado e um vasto conhecimento sobre a geografia e a história do Brasil; evidencia também um sólido conhecimento sobre a geografia maranhense, destacando os sertões e o seu povo. Também nessa obra Carlota demonstra ter conhecimento em inglês e francês, o que percebemos ao lermos termos e expressões nesses idiomas respectivamente.

Sobre a publicação do livro *O Sertão*, em reportagem do jornal *Diário de São Luiz*, de 27 de julho de 1924, aparece que essa obra:

[...] virá preencher sensivelmente a lacuna [...] de que se ressentem nossas narrativas históricas. Reabilitará esse vulto extraordinário do sertanejo, Militão Bandeira de Barros, que anda imbecilmente deformado e caluniado como bandido e facinora pelos nossos massudos e empaturrados compendios. Trata da balaiada desde os seus primórdios, criticando e discutindo factos e typos de que não tivemos ainda a menor notícia. Fala de Raymundo Gomes que, como diz a notável escriptora, abriu uma rua larga à Liberdade. Será um livro grandioso, nem só histórico como geographico, illustrado com mappas do sertão maranhense e bocças do Amazonas, versando sobre morphographia e physiographia do Brazil. Depois, conforme com o que me disse Parsondas de Carvalho, Dona Carlota publicará o livro Factos e Contos (p.2).

Fica evidente a importância que o livro *O Sertão* teve para os principais intelectuais da época por trazer saberes ainda desconhecidos para a própria sociedade maranhense no que diz respeito a sua história e geografia.

O livro *O Sertão* foi comparado a outras grandes obras, como *Os Sertões* de Euclides da Cunha, mas, ao contrário desta, a obra de Carlota é descrita como livro

impregnado do "cientificismo dominante à época" e rico em detalhes (DINO, 2007, p. 46). Sobre isso, o escritor Luiz Murat declara: "talhado nos 'estudos positivos', com precisas sínteses históricas' e 'conclusões' [...] rigorosas, ao ponto de vista do filosofismo corrente" (CARVALHO, 2000, p. 49).

O escritor Luíz Murat, também em reportagem no *Jornal do Brasil*, de 02 de fevereiro de 1924, sob o título "Subsídios para a Geographia e a História do Brasil", afirma:

Não preciso de mais nada para avaliar a obra da Sra. D. Carlota Carvalho. A serenidade e a precisão com que detalha os factos nessa época notável da nossa evolução política; o enredo novo e claro no qual são dispostos os factos e o dom de despertar cada vez mais a nossa curiosidade pelo que ocorreu na nossa pátria, nos primórdios de nossa civilização, dão aos "Subsídios para a Geographia e História do Brasil" um realce notável (p.5).

Além dessa afirmação de Luiz Murat elogiando a principal obra de Carlota Carvalho, o jornalista Antonio Lopes em matéria do jornal *A Pacotilha*, de 20 de junho de 1924, nos informa que o livro *O Sertão* é um progresso feminista ao que nos diz: "D. Carlota Carvalho publicou um livro de grande erudição e interesse sobre história e geografia. Uma notícia que dá a idéia do progresso do feminismo, progresso util, um progresso necessário" (p. 1).

A principal obra de Carlota, *O Sertão*, é dividida em três partes. A primeira delas é composta por três capítulos: "O sertão"; "Teoria Geológica"; e "Da Independência à Revolução". A segunda é constituída por onze capítulos e traz informações sobre as cidades de Imperatriz, no Maranhão e Marabá, no Pará, bem como sobre a região da foz do rio Amazonas. Já a terceira parte apresenta anotações da viagem feita por Carlota, do Maranhão para o Rio de Janeiro, em 1919.

Na primeira parte da obra, Carlota nos dá uma descrição precisa e detalhista do estado do Maranhão, tentando suprir a Geografia Física do estado, descrevendo os rios e os altos sertões do sul do Maranhão. Mas sua obra vai além e, em determinados momentos, tece críticas sobre o "uso da força" para a ocupação de territórios, narrando os embates entre os "homens brancos" e os povos autóctones (indígenas) que foram massacrados e empurrados para o interior do sertão maranhense. Assim, a autora nos possibilita reconhecer que cada grupo étnico possui uma "civilização própria" dentro de sua própria cultura e critica a imposição da cultura do homem branco sobre a população indígena e negra.

Ela também nos fala do processo de povoamento do sertão maranhense, designado por Pastos Bons. Conforme Motta (2002, p. 5): “Nem o trabalho pioneiro do Major Francisco de Paula Ribeiro publicado em 1847 e 1848 na revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil traz tanto detalhe quando a sua obra”.

Nessa primeira parte, ela também dá destaque a revoluções regionais como a *Balaiada*<sup>10</sup>, revolta popular ocorrida no Maranhão, e à *Independência do Brasil*, ocorrida em 1822. Em sua obra, sem saber que fazia história oral, Carlota recupera, por meio de suas memórias dos fatos pelas conversações, muitas dessas conversas ouvidas desde a infância juntamente com suas tias que eram meninas (CARVALHO, 2000; 2011; 2017, p. 170).

Em certo momento ela também dá espaço para a voz ao seu pai, embora ele fosse proprietário de escravos, assim como ela mesma (que foi proprietária da escrava Benedita por herança), ao menos quando professora no Amapá. Ela e o pai posicionavam-se contra o domínio português e defendiam os *balaies*, cuja maioria era composta por escravos e camponeses que, entre outras coisas, lutavam contra a Lei dos Prefeitos ou simplesmente a “lei do pega”<sup>11</sup> (CARVALHO, 2000; 2011, 2017).

Carlota Carvalho também acabou fazendo história comparada, ao buscar em Roma e na Grécia antigas classes sociais sem nenhum direito político, econômico ou social para servirem de referência de comparação entre o tratamento que era dado a elas na Antiguidade e aquelas que os *balaies* recebiam no Maranhão (CARVALHO, 2011).

Em se tratando da *Independência do Brasil*, citamos a imprensa maranhense, destacando o diretor-proprietário do jornal *Notícias*, Astolpho Serra, que escreveu uma crônica intitulada “Chronica do dia” elogiando o trabalho de Carlota na edição

---

<sup>10</sup> A Balaiada foi uma luta popular que se sucedeu na província do Maranhão de 1838 a 1841. Para Carlota Carvalho (2006, p. 158), a revolta foi “apelidada ‘a balaiada’, para dar-lhe caráter proletário em significação pejorativa”. Mas esse movimento irrompeu de uma “situação de desespero”, assim sintetizada: “Despotismo autoritário, prisões sem crime algum, trabalhos forçados, como a capina das ruas, infligidos a bem-te-vis de destaque social para humilhá-los; violências, injustiças, irresponsabilidade dos depositários do poder, assassinatos, recrutamento permanente, em princípio, para a guerra da Cisplatina por fim usado como instrumento de perseguição, extorsões do fisco, impunidade e acatamento oficial aos assassinos de Caxias e de outros municípios, os quais eram chefes governistas e matavam para se fazerem temer e suprimir bem-te-vis ousados.”

<sup>11</sup> A Lei dos Prefeitos ou “lei do pega” foi uma lei criada na regência do presidente da província do Maranhão, Araújo Lima, durante o movimento da Balaiada (1838 - 1841). A lei autorizava os presidentes das províncias a nomearem os prefeitos municipais, levando assim os seus “nomes de confiança” ao poder. Esse fato acirrou mais ainda as relações do povo com as instituições governamentais, uma vez que a população naquela época não votava para eleger prefeitos (PACHÊCO FILHO, 2014).

especial do dia 28 de julho de 1933, alusiva à data da independência de nossa nação. Nesse texto, ele diz: “Carlota Carvalho, no seu magnífico trabalho sobre ‘sertões’ relembra, em uma das páginas de seu curioso livro, que na legendária Pastos Bons, muito antes da independência, verificou-se a primeira tentativa republicana no Brasil” (p. 1).

Além disso, abordou sobre fatores políticos e a influência da imprensa nos acontecimentos revolucionários. Nos narrando também sobre a cultura intelectual de jornais e jornalistas no Maranhão, além de abordar a vida econômica na produção do solo, bem como riquezas minerais e vegetais, agricultura, pecuária e questões de comércio - vias de comunicação e transportes terrestres e fluviais.

A segunda parte do livro *O Sertão*, com seus onze capítulos, dá ênfase a fatos ocorridos nas cidades de Imperatriz, no Maranhão, Marabá, no Pará. Ao lado das descrições geográficas desses locais, ela apresenta fatos históricos e faz uma análise das condições políticas da época na região sul do Maranhão. Tece comentários e desabafa sua preocupação sobre o fato de a população não fiscalizar os gastos públicos, o que justifica ser pela falta de instrução do sertanejo, o que levava os governantes usar de má fé do recurso público. Ela criticava ainda o uso desses recursos públicos para obras desnecessárias e o uso da força militar para fazer com que os autóctones (indígenas), vitimados pela violência, se interiorizassem (CARVALHO, 2000; 2011; 2017, p. 236).

A autora descreve ruas, pessoas e personalidades do governo local. Encontram-se nessa seção descrições detalhadas da Vila de Imperatriz, bem como um perfil de seu fundador Frei Manoel Procópio do Coração de Maria e citações a famílias que contribuíram para o crescimento da vila até se tornar cidade.

Aborda dando ênfase aos rios Pindaré e o Tocantins ao qual ela descreve como o mais belo rio que já tinha visto. E também nos relata sobre a foz do rio Amazonas.

Conforme a Enciclopédia de Imperatriz (2003), Carlota Carvalho viveu parte de sua vida na cidade e foi patrona da cadeira nº 22 da Academia Imperatrizense de Letras, ocupada por Waldir Braga, um dos escritores que defende a autoria de Carlota do livro *O Sertão*.

Na terceira parte da obra, constam anotações da viagem que realizou do Maranhão para o Rio de Janeiro, a bordo do paquete Acre, em 1919, (ver o Anexo como ela mesmo nos informa:

Ao cair da tarde de 28 de abril de 1919 embarquei no paquete "Acre" com destino ao Rio de Janeiro. O vapor viajou de noite e eu não pude dizer "adeus" à formosa Javiré porque dormia em me camarote, o de número 20. De manhã, cedo, apressada pelo desejo de ver mais uma vez a terra em que ninguém conhece o frio e que as árvores são sempre verdes", levantei-me, saí do camarote, subi a escada que conduz ao convés e fui debruçar-me na amurada de estibordo. Pela vastidão do oceano dilatei a vista. Não mais a vi. Há muito sumira no horizonte. Senti saudade. (CARVALHO, 2000; 2011; 2017, p. 389).

Nessa parte, percebemos que a autora escreve com o coração, buscando identificação com as coisas do sertão ao comparar as paisagens do sul com as belas paisagens dos sertões, externando sua saudade dessa região, descrevendo os estados da região Nordeste pelo qual passara durante a viagem: Ceará, Rio grande do Norte, Paraíba Pernambuco, Alagoas e Bahia, este último rememora os parentescos de seus ancestrais baianos, como o seu avô materno, Severiano Carvalho.

Na obra *O Sertão*, ou nos seus artigos e textos jornalísticos, Carlota Carvalho revela uma escrita que nos mostra um sertão cheio de maravilhas, um lugar de natureza exuberante, de gente simples, trabalhadora e honesta. Mas, ela também foi capaz de criticar e denunciar certas atitudes tomadas contra o povo sertanejo, no qual, em seu livro, ela se incluía.

## **2.2 Factos e Contos**

A segunda obra de Carlota Carvalho de que se tem notícia é *Factos e Contos*, formada por textos que trazem histórias e contos em que a autora descreve, com um sentimento de saudades, a beleza das regiões da Amazônia em que esteve e enaltece os sertões maranhenses. Nesse livro, ela narra a formação de algumas cidades e a história de seus fundadores, além de contar experiências vividas ao longo de sua vida e nos apresenta personagens reais.

Em relação a publicação de sua segunda obra, *Parsondas* de Carvalho, seu irmão, em reportagem publicada no *Diário de São Luiz*, em 27 de julho de 1924 (p. 4), nos informa que a irmã "irá publicar um novo livro, *Factos e Contos*".

Sobre o livro *Factos e Contos*, o jornalista Avelino Rezende tece um comentário na imprensa maranhense no jornal *Diário de São Luiz*, de 10 de dezembro de 1924 (p.1), o qual destacamos abaixo:

A eximia escriptora maranhense d. Carlota Carvalho entregou á lypographia do Diario de S. Luiz os autógrafos do seu livro Factos e Contos, dos quais os leitores desta folha já conhecem algumas paginas brilhantes [...] Ainda e cedo para dizermos do valor deste trabalho cheios de uteis e valiosos ensinamentos, exarados numa linguagem simples e desataviada, que está á altura de todos os leitores, um livro que a mocidade estudiosa desta terra prestará inestimáveis serviços [...] Será prefaciada a obra pelo professor Nascimento Moraes.

Fica claro a partir do comentário do jornalista Avelino Rezende, que Carlota entregou o livro completo a editora do jornal *Diário de São Luiz*, e que partes dessa obra já era de conhecimento dos leitores do referido jornal, possuindo uma linguagem de fácil compreensão para quem lesse. E que o prefácio ia ser feito pelo professor e jornalista maranhense Nascimento de Moraes<sup>12</sup>

Ademais, em várias edições do jornal *Diário de São Luiz*, (1924) (ver tabela do Apêndice A), também encontramos publicadas algumas partes dessa obra. Essa prática nos permite perceber a intenção da autora de instigar os leitores do jornal a adquirirem e lerem a obra.

Ainda conforme reportagem do *Diário de São Luiz*, que fora publicada em 10 de dezembro de 1924 (p.1), o livro possui uma linguagem “simples”, de fácil acesso à população que soubesse ler e escrever. Sobre isso Lima (2021, p. 237) declara o seguinte:

A presença de anúncios de livros na imprensa maranhense pode ser vista tanto como uma forma de incentivar a leitura de determinados livros, quanto de oportunizar, através de fascículos, uma leitura agradável àqueles que não podiam adquiri-los. Este expediente foi muito utilizado para o livro "Factos e Contos".

Além disso, esses escritos em formato de matérias inseridas no jornal, traziam consigo sempre um anúncio anterior com o título do artigo em letras em caixa alta seguido dos dizeres “- A seguir.”, dando uma conotação de suspense, instigando a curiosidade do leitor.

---

<sup>12</sup> Nascimento de Moraes foi um respeitado professor, crítico literário, contista e jornalista, sendo redator-chefe do jornal *Diário de São Luiz*. Sobretudo como jornalista a serviço do povo ele deixou uma vasta colaboração usando diferentes pseudônimos nos jornais mais importantes da primeira metade do século no Maranhão, mas sua obra mais marcante é “Vencidos e Degenerados” que data de 1910 (CRUZ, 2021). e que foi reeditada recentemente em São Luís. É mais que um romance, é uma crônica da vida de São Luís do Maranhão no final do século XIX e no começo do século XX (MÉRIAN, Jean-Yves In: MORAES, 2000).

Acreditamos que esse livro foi publicado, conforme o que consta em o *Diário de São Luiz*, de 27 de janeiro de 1925 (p.4):

VIAJANTES  
PARSONDAS E CARLOTA CARVALHO

Trouxeram-nos hontem as suas despedidas por terem de reguir hoje para a vizinha capital paraense, os distintos escriptores maranhenses sr. Parsondas de Carvalho e d. Carlota Carvalho-autora do •Sertão•. Carlota Carvalho deixa a imprimir-se nas officinas graphics dos srs Chaves & Campos a sua segunda obra •Factos e Contos•. Aos illustres viajantes agradecemos a deferencia da despedida e desejamos optma viagem.

Essa citação evidencia que o livro estava para ser impresso, o que não sabemos até o momento, se de fato ocorreu. Tal como acontece na obra *O Sertão*, Carlota descreve lugares geográfica e historicamente, assim como abre espaço para as vozes de personagens reais que fizeram parte de sua história de vida.

### **2.3 Colaboração de Carlota Carvalho na imprensa maranhense e a negação da autoria de *O Sertão***

Na época de Carlota, as mulheres eram excluídas de forma efetiva da sociedade, especialmente da possibilidade de ocuparem cargos públicos e do acesso à educação superior. Assim, no século XIX, elas estavam, majoritariamente, circunscritas ao espaço privado do lar (TELLES, 2007, p. 408). Além disso, estavam envoltas por enredos de arte e ficção machistas que reforçavam a idealização das mulheres em seus papéis familiares, como mães amorosas, esposas virtuosas e filhas dedicadas.

Contudo, muitas foram as mulheres que conquistaram o território da escrita, superando a “tirania do alfabeto, tendo primeiro que aprendê-lo para depois deslindar os mecanismos de dominação nele contidos” (TELLES, 1997, p. 410). Tendo sido esse o caso de nossa protagonista, que conquistou seu espaço e obteve reconhecimento, tardio, mas gradual.

Muitos autores afirmam que Carlota Carvalho era iletrada. Dentre os quais, podemos citar: Sálvio Dino (2006); Edelvira Marques de Moraes Barros (2012); e José Herênio de Souza (2017). Mas, se Carlota Carvalho era iletrada, como explicar o fato

de ela ter se tornado colaboradora do jornal *Diário de São Luiz* e constar como membro e sócia-fundadora do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão - IHGM?

O registro da autora como colaboradora na imprensa aparece no jornal *O Diário de São Luiz*, do dia 16 de outubro de 1924 (p. 2), da seguinte forma: “D. Carlota Carvalho, brilhante autora do livro *O Sertão* [...] e colaboradora do Diário.” Já seu registro como sócia efetiva do IHGM aparece no jornal de São Luís, *Pacotilha*, de abril de 1938, na relação de nomes da referida instituição, que fora fundada em 02 de dezembro de 1925.

Ademais, o jornal *Diário de São Luiz*, periódico no qual Carlota atuou como colaboradora e publicou a maior parte de seus artigos, de acordo com o que coloca Lima (2021, p. 240), foi: “Conforme o Catálogo dos Jornais Maranhenses do Acervo da Biblioteca Benedito Leite (1821-2007), fundado em 1920, tornando-se, ao longo da década, o mais expressivo veículo de notícias do estado do Maranhão”, ou seja, era importante veículo de comunicação na época, sendo um importante difusor da cultura maranhense. Além disso, esse periódico não apenas agregava destacados intelectuais, como o diretor-chefe do jornal, José Nascimento Moraes, e importantes nomes da história do jornalismo maranhense, mas também apresentava a melhor estrutura gráfica e a maior circulação entre os veículos de imprensa da época.

Contudo, é fato que Carlota Carvalho não é uma unanimidade no meio literário. Alguns autores a repulsam e não a reconhecem como a autora de *O Sertão*. O primeiro questionamento acerca de ser ela a autora dessa obra é uma reportagem do jornal *Diário de São Luiz*, de 17 de outubro de 1948, intitulada: “O Sertão e o seu verdadeiro autor”. Na referida reportagem, Antenor Viana enaltece a obra *O Sertão*, bem sutilmente, mas sem enaltecer sua autora, fazendo comparações com os escritos de Euclides da Cunha, em que diz:

[...] essa brilhante obra detalha com mais riquezas de informações sobre “os sertões”, mas Euclides da Cunha não reflexionou sobre a aplicação do título. E a falta mais grave praticou este brilhante escritor em outro livro, fantasiando uma foz do Amazonas “de água barrenta que ainda é rio e já parece mar [pororoca] (*DIÁRIO DE SÃO LUIZ*, 1948, p. 1).

Essa comparação com os escritos de Euclides da Cunha – em que se ressalta que a obra de Carlota refuta muitas “teorias” daquele, principalmente, no que diz respeito à geografia, que se mostra, como Antenor Viana descreve, superficial – aparece com maior evidência na *Revista Ilustração Brasileira*, de fevereiro de 1945,

cujo texto declara que Carlota é mais detalhista em relação ao fenômeno da pororoca do que Euclides:

Finalmente, a Sra. Carlota de Carvalho, que refutou a teoria de Euclides da Cunha sobre o sertão, escreve que, quatro dias depois da lua cheia, em frente à foz do Araguari, ouviu o formidável ronco, cuja origem parece, segundo a distinta escritora maranhense, ser devida a “causas físicas em ação conjunta”, e a forças físicas ainda desconhecidas. A Pororoca é mais imponente e mais fragorosa entre Cabó Norte e a foz do Amazonas (p. 5).

Entretanto, o jornalista Antenor Viana, ainda que continue enaltecendo a obra *O Sertão*, começa a difamar sua autora:

Carlota de Carvalho, analfabeta na verdadeira acepção do termo, não poderia nunca escrever uma obra desse cunho e nem dissimular o mal que lhe fizera ao seu irmão, autor legítimo do livro em alusão a lhe querer dar a glória falsa de autora dessa obra tão importante (*DIÁRIO DE SÃO LUIZ*, 1948, p. 2).

Assim como Antenor Vianna, Sálvio Dino também apresenta dúvida de que Carlota seja a autora da obra *O Sertão*. Ele atribui a escrita do livro ao seu irmão Parsondas de Carvalho. Nesse sentido, Dino faz uma severa crítica a Carlota, a qual destacamos:

[...] Parece que zombateiramente a esfinge nos desafia: decifra-me! Não passa de uma pseudo literata que por si só demitologiza o mito de escritora. Com todo o respeito que se possa ter pela sua memória, não encontramos, inclusive, entre pessoas que a conheceram bem de perto, qualquer referência sobre suas origens ou passagem pelo mundo das letras. Até mesmo no báu da memória oral, nada localizamos. Sempre a esfinge rindo da gente! (DINO, 2006, p. 49).

O autor Sálvio Dino (2006), dedica um capítulo inteiro a Carlota em seu livro *Parsondas de Carvalho: um novo olhar sobre o sertão*, no qual faz uma análise sobre a obra de Carlota, porém atribuindo a autoria do livro *O Sertão* a Parsondas de Carvalho. Nesse capítulo, além das críticas feitas a Carlota, o autor ainda nos traz uma teoria de que os irmãos eram “amancebados”. Assim, Dino discorre sobre isso:

[...] Vamos à irmã. Contemporâneos seus, que com ela conviveram bem de perto, diante de muita insistência, assim traçaram o seu perfil físico: “Era gorducha, baixa, olhos graúdos, castanhos claros, cabelos mais para crespos do que para lisos. Gostava de uns vestidos largos, compridos.” O velho Marcos Saraiva, oficial de Justiça de Imperatriz, já falecido, que fora vizinho dos irmãos Parsondas e Carlota, ali na velha rua 15 de Novembro, pelos idos de 1925, de tanto insistirmos, certa vez segredou-nos, bem baixinho, como se

estivesse com receio de ferir a memória de alguém, escondida por uma das salas do fórum imperatrizense, a nos escutar:

Já que você insiste tanto em saber da vida dos finados, só posso adiantar que ela não era feia. Meio graúda, de pouca conversa com os vizinhos, parecia ser uma mulher viajada, mas não demonstrava ser de muitos saberes. O seu Parsondas era falador pelos cotovelos. Gostava duma pinga, bem dosada. Provisionado encrenqueiro, brigador e sabido. Sempre carregando uns livros e jornais velhos debaixo do braço. Avesso a ambientes sociais, ninguém freqüentava sua casa. Andava muito no rumo da delegacia de polícia, do cartório e da casa dos Milhomens (DINO, 2006, p. 50).

E sorrindo:

Eu sei onde você quer chegar... O povo dizia à boca pequena que eles viviam amancebados. Ele, quando metia umas... gostava de contar uma história que falava de dois pombinhos que ensinavam um ao outro o jeito de fazer de dois bicos um só bico (DINO, 2006, p. 51-52).

De acordo com essas informações, os irmãos tinham um relacionamento incestuoso, pois moravam na mesma casa e, pelo que se sabe, nenhum dos dois jamais teve relacionamentos amorosos conhecidos. Ao se realizar uma análise desses escritos de Sálvio Dino, notamos que sua descrição dessa conduta diminui Carlota, mas não Parsondas. Assim, essa suposta relação incestuosa entre os dois irmãos, vista como algo negativo apenas contra Carlota, pode ter sido um dos elementos que contribuiu para que a intelectual sertaneja fosse antipatizada por alguns de seus contemporâneos.

Sálvio Dino também apresenta a autora como alguém oportunista, ladra de uma obra maravilhosa do irmão:

Trazemos à superfície, num rigoroso exercício de transparência, pedaços de vida de uma exótica mulher que assumiu consigo mesma o compromisso de não revelar o menor fio de vertente de sua existência terrena. Não existem, com ou sem riqueza de detalhes, em termos de biografia, dados pessoais ou qualquer outra informação ao alcance da pesquisa, capazes de nos levar às primeiras fraldas da solteirona que viveu anos e mais anos inteiramente confinada à sombra do iluminado irmão, escritor festejado, autêntico guardião da cultura dos nossos sertões (DINO, 2006, p. 56).

Podemos perceber ainda que as pessoas que contaram narrativas sobre a vida de Carlota levaram em consideração a timidez da autora para considerá-la incapaz de ser uma intelectual ao nível de seu irmão Parsondas que era mais extrovertido.

De acordo com Dino, um dos vizinhos dos irmãos, por volta de 1925, afirmou que ela não tinha muita proximidade com as pessoas, “parecia ser uma mulher viajada, mas não demonstrava ser de muitos saberes. O seu Parsondas era falador pelos cotovelos. Gostava de uma pinga, bem dosada” (DINO, 2006, p. 57-58). A

testemunha afirma ainda que Parsondas gostava de debates e sempre andava acompanhado de livros, mas que, apesar de ser muito conversador e extrovertido, ninguém frequentava sua casa, na qual morava com Carlota.

Ainda buscando negar a intelectualidade de Carlota e, conseqüentemente, sua capacidade para escrever *O Sertão*, ao fazer uma análise de sua viagem do Maranhão ao Rio de Janeiro no navio a vapor “Acre”, Dino afirma que, segundo fora noticiado em jornal, apenas Parsondas de Carvalho estaria na embarcação. Contudo, podemos constatar em edição do jornal *Diário de São Luiz*, de 06 de março de 1925, que ambos estavam a bordo, pois nesse texto o jornalista Leonidas Duarte descreve o seu encontro com os irmãos Carvalho em matéria intitulada “Reminiscencias – A’ insigne escriptora maranhense D. Carlota Carvalho”, quando passavam pelo Barra do Corda indo em direção à capital São Luís, seguindo, logo depois, com destino ao Rio de Janeiro.

Sobre esse encontro, o jornalista, que num primeiro momento não os reconhece, faz a seguinte descrição:

Minutos depois aproximou-se de mim, como que tomando a frente da comitiva, um senhor desconhecido, trajando à moda do sertão: roupa de riscado nacional, chapéu de carnaúba; conduzindo duas cargas de malas, bagagens diversas, galinhas, papagaios, etc, denunciando assim a transferencia de moradia [...] A senhora que também de mim se aproximou [...] rompeu o silêncio daquelas paragens com um vulgar “Boa tarde”. Senhora sympatica de estatura mediana, gorda, rosto vermelho, talvez queimado pela acção do sol carnicular, olhar expressivo, denunciando inteligencia e sutileza (*DIÁRIO DE SÃO LUIZ*, de 06 de março de 1925, p. 2).

Leonidas Duarte relata que ouviu o senhor desconhecido falar o seu nome para a senhora que o acompanhava, o que chamou ainda mais a sua atenção para os dois viajantes. Esse senhor se apresentou com o nome de José Gonçalves da Costa. Em seguida, Duarte relata que, quando estavam do outro lado da ribeira do rio, o senhor José Gonçalves se aproximou dele e pediu desculpas por ter mentido e revelou que seu verdadeiro nome era João Parsondas de Carvalho. Leonidas também descobre que a senhora “sympatica” era a irmã de Parsondas, Carlota Carvalho, a quem Leonidas elogia: “tem empolgado o publico lêdor com suas belas producções descriptivas em jornaes e com o seu livro *O Sertão* de leitura agradável e surpreendente” (p. 2)

Ao final da reportagem, Leonidas agradece a Carlota Carvalho pôr tê-lo citado em *O Sertão* e pede que sejam feitas “algumas retificações” pela verdade histórica.

Segundo ele, no livro constavam alguns equívocos. Primeiro, esclarece que “S. Vicente não foi fundado em 1875”, e sim em 1871, e, para comprovar, diz possuir uma carta do então Juiz de Direito da Comarca de Boa Vista, dr. Barbosa Lima. Ele informa ainda que fez seus estudos em S. Vicente com Herminio Pimentel e João Manoel de Queiroz Camara e não em Carolina com Annibal Mascarenhas, como Carlota cita. Por fim, ele explica que não é neto do fundador de S. Vicente, Vicente Bernadino Gomes, e sim de Mathias Gonçalves da Silva, paraense. Segundo suas explicações, faltaram com a verdade ao dar informações sobre ele a Carlota.

Ainda sobre a viagem ao Rio de Janeiro, no jornal *Diário de São Luiz*, de 09 de janeiro de 1919, encontramos mais um indício da presença de Carlota: uma lista de passageiros do vapor Gonçalves Dias, que viajava no rio Mearim com destino a São Luís. Nessa lista, constam os nomes de Carlota Carvalho e de seu irmão Parsondas, o qual, no dia 11 de janeiro, ministrou uma palestra no palácio do governo. Logo após essa palestra, os dois irmãos viajaram rumo à capital do país, o Rio de Janeiro, onde cinco anos depois Carlota Carvalho publicou sua principal obra.

Conforme reconhecem Silva & Santos (2017), a obra de Carlota Carvalho foi extremamente importante para a geografia e a história do Maranhão e da região amazônica, bem como para polemizar questões políticas e sociais de sua época, assim como fez seu irmão Parsondas, com discussões sobre a corrupção que ocorria na sociedade maranhense. Eles afirmam que é inegável o fato de Carlota Carvalho ser a autora dessa obra.

Em se tratando da autoria do livro *O Sertão*, Dino (2006) afirma ter encontrado vestígios de uma possível prova da autoria de Parsondas de Carvalho. Entretanto, por outro lado, os professores João Renôr Ferreira de Carvalho e Alan Kardec Pacheco Filho atribuem essa declaração a um posicionamento machista que não aceita que uma mulher tenha sido uma das intelectuais mais importantes do estado.

Para João Renôr, Carlota tem estilo único, inconfundível, visível e demonstrável em todo o conjunto do seu livro e defende o seguinte sobre a sua autoria:

[...] não é necessário ter instrução livresca ou acadêmica de qualquer espécie para perceber que Carlota Carvalho é original em tudo em que escreveu no seu livro. Basta sentir seu estilo e compreender a sua narrativa para concordar com Luiz Murat da Academia Brasileira de Letras, que fez em 1924, o juízo crítico da renomada professora do Riachão: Para esta senhora

e lustre o diz: chamou a de quantos desejam estabelecer relações que não exagera o que escreve analisa ou recompõe em preciosas histórias.

Nas palavras do professor João Rênor, é perceptível que duvidam de que Carlota Carvalho era instruída e letrada apenas por ela ser mulher em uma época em que os escritos, os saberes e a educação eram do domínio masculino.

Em reportagem do *Jornal do Brasil* (Rio de Janeiro), de 19 de janeiro de 1924, elogiam Carlota Carvalho dizendo que ela “é a brasileira de maior cultura”.

#### CARLOTA CARVALHO

Para esta senhora ilustre chamo a atenção de quantos desejarem estabelecer relações com ornamentos da nossa cultura intellectual. O sábio alemão Barão de Von Paumtegardtten, com quem D. Carlota Carvalho travava interessante polemica, escreveu: “é a brasileira de maior cultura” (p. 5).

Esse elogio a Carlota é mais um indício de que ela era letrada, uma intelectual atuante na sociedade maranhense do final do século XIX e início do XX.

O professor Raimundo Santos (2014, p.173), em entrevista com o professor João Renôr, relata:

O professor João Renôr apresenta outra narrativa, com respaldo em relatos de seu padrinho Raimundo Braúna, que teria chegado aos 27 anos de idade em Fortaleza dos Nogueiras como professor. Posteriormente, ingressou na política e tornou-se o primeiro prefeito da cidade no início dos anos 1960. De acordo com Renôr, em 1929, Braúna teria hospedado Carlota em sua casa, já na vizinha cidade de Riachão, quando a professora esteve de passagem. A impressão que o político tinha da autora era de uma mulher inteligente, mas retraída, não falava muito. O prefeito teria conhecido Arthur Coutinho, ex-aluno de Carlota, que também a via como uma mulher de destacado saber, “uma ótima professora”.

Esse é um relato de que Carlota Carvalho era uma ótima professora, mesmo não sendo uma pessoa de muita conversa, cujo semblante sereno mostrava o quanto era educada nos saberes e culta.

Não há como negar, com base nos vários indícios que são colocados, que Carlota Carvalho era uma mulher instruída e inteligente, que possuía vasta cultura, adquirida em sua vivência com familiares, os quais eram professores, em sua trajetória como professora e em seu percurso como sertaneja no Maranhão, principalmente durante sua atuação na região sul maranhense.

Portanto, percebemos que Carlota Carvalho era uma mulher brilhante, que rompeu barreiras culturais e morais de sua época e desbravou o mundo do saber e

das letras, sendo autora de livros, dentre os quais destacamos *O Sertão*. Sua obra magnífica é o espelho da história de pessoas reais da Amazônia e do Maranhão, enfim, do sertanejo, um povo ao qual ela tinha orgulho de pertencer e do qual tinha saudades quando se ausentava, além de nos mostrar a força revolucionária do povo brasileiro na história do Brasil, no qual existiram vários personagens reais, que assim como Carlota foram protagonistas, atores em cada ação, sujeitos de suas próprias histórias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na construção deste trabalho, pudemos encontrar vários indícios, que nos permitiram construir o perfil de uma mulher sertaneja, nascida e criada no Maranhão. Uma mulher culta e instruída, que não se submeteu aos costumes morais de sua época, não sendo a mulher esposa que cuida da educação dos filhos e dos afazeres domésticos, mas uma mulher que foi além e buscou formação para trabalhar no ofício de professora normalista e mais tarde de professora itinerante. Uma mulher que amava sua terra e a “gente” que nela morava. Essa é Carlota Carvalho, uma mulher brilhante, cuja vida, em muitos aspectos, antes, era mistério.

Com esta pesquisa, foi possível reafirmar, como já informado por alguns autores, que ela pertencia a uma família de professores, vocação que herdou. Além disso, pudemos descobrir alguns dados sobre sua família, tais como: o fato de que Carlota não tinha como irmão apenas João Parsondas de Carvalho (seu irmão mais conhecido) e Emídio Olímpio de Carvalho, pois teve mais quatro irmãs e um irmão, o que foi uma surpresa; e o nome de sua mãe, Maria Francisca de Carvalho, considerado o maior mistério da biografia de Carlota.

Pelos indícios encontrados, foi possível conhecer um pouco da mulher professora, que se embrenhou na região amazônica para dar aulas a crianças ribeirinhas e, mais tarde, nos interiores dos sertões. Tudo isso são evidências de como essa mulher contribuiu para a educação de jovens e moças nessa região do Brasil. Além disso, conhecemos um pouco das metodologias de alfabetização que ela utilizava.

Outro ponto magnífico de descobertas foi entender o que pode ter havido em relação ao episódio narrado por um ex-aluno de Carlota, quando esta pede o seu “regrador”, uma vez que foi muito usado como justificativa para afirmar que ela era iletrada, analfabeta, enfim, que não sabia falar corretamente a palavra regador. Descobrimos que se tratava, na verdade, de um utensílio usado pelas sertanejas para higiene no período da menstruação, o que era tabu na época.

Com sua obra, Carlota Carvalho retira a geografia da região do “imaginário” e a insere numa geografia do real, detalhista, exata, diferente do que constava nos mapas oficiais da época, onde não se tinha fidelidade. Além de externar, em seus escritos, o seu sentimento de pertencimento aos sertões maranhenses.

Contudo, a autora não só descreveu geograficamente a região, mas também narrou a evolução histórica do sertão maranhense, nos apresentando fatos, pessoas e lugares pertencentes a nossa história. Ela também descreve e interpreta importantes acontecimentos políticos, como a Independência do Brasil e a Balaiada.

Percebemos, com base nos dados da pesquisa, que o seu estilo de escrita é delicado, descritivo, atento aos mínimos detalhes. Além disso, nossos dados apresentam vários indícios que relacionam Carlota Carvalho a autoria do livro *O Sertão*, levando à interpretação de que questionamentos sobre ter sido ela a autora desse livro são, na verdade, atos de discriminação pelo fato de ela ser mulher em uma época em que os homens eram dominantes do saber.

Ao analisar o livro *O Sertão*, notamos que ele é denso, podendo ser considerado um prestigiado e brilhante trabalho sobre a história e a geografia regional e do Brasil, bem como um dos mais importantes escritos sobre a história do sul maranhense, ou seja, a nossa história. Como disse o professor João Rênor, Carlota Carvalho era uma escritora com estilo, sendo brilhante em tudo que escrevia.

Seu talento também nos é revelado por seus dois livros, *Factos e Contos* e *Cosmogonia* – mesmo que ainda não tenhamos informações que nos permitam afirmar que este último tenha sido publicado – e pelos textos publicados nos diversos jornais com os quais colaborou, dentre os quais destacamos o jornal *Diário de São Luiz*, no qual publicou boa parte de seus escritos, como também fez propaganda de suas obras. Um exemplo disso, são as publicações de partes do livro *Factos e Contos*.

Em vista disso e de outras alegadas evidências, alguns historiadores e cronistas como professor Alan Kardec Pachêco Filho, afirmam que o livro *O Sertão* é uma obra anônima, ou seja, dada de presente, para que Carlota colocasse o seu nome. Essa tese, porém, era veementemente combatida pelo historiador Adalberto Franklin, pelo doutor João Renôr Ferreira de Carvalho e pelo jornalista e cronista membro da Academia Maranhense de Letras, Waldir Braga, os quais defendiam não haver sombra de dúvidas a respeito da autoria ser de Carlota.

O que é ou não verdade, nunca saberemos, porém, se algo é verdade e sobre o que não paira dúvidas, é que Carlota Carvalho era uma mulher culta, letrada e muito instruída nos saberes pedagógicos, o que se confirma por vários indícios, como o fato de ela ter sido sócia-fundadora do IHGM e colaboradora na imprensa maranhense, se destacando no mundo das letras como professora primária e exímia escritora,

rompendo a barreira social que era imposta às mulheres em sua época, ocupando seu lugar de merecimento.

Em sua obra, podemos perceber sua paixão por escrever e fazer parte do povo do sertão. Inclusive, em muitos momentos de seus escritos, ela se mostra defensora de direitos dos indígenas (autóctones) e dos negros, pontos que nos permitem discutir questões sociais e adentrar e viajar nos caminhos de *O Sertão* na época de Carlota. Sua escrita nos revela, portanto, a brilhante mulher e professora por trás das obras, uma mulher de excepcional personalidade e intelectualidade, que deve ter marcado vidas de alunos, pessoas que a cercavam e lugares.

E ainda que não tenha sido reconhecida, como uma intelectual pelos seus colegas, sua influência atualmente é inegável, como podemos verificar em diversos trabalhos sobre a região, em diferentes áreas do conhecimento. Dificilmente, sem seu trabalho, encontraríamos tantas informações sobre a nossa região, como os aspectos históricos, geográficos, políticos, econômico e social, não havendo um sertão com a mesma face que conhecemos nos dias de hoje.

## REFERÊNCIAS

### Fontes Documentais:

ALMANAK: ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL. Para o ano de 1872. Editor B. de Matos, na Typ. Do Progresso na r. Sanct' Anna, 1872, p. 95.

ADVOGADOS. Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial. Para o anno de 1860 – Terceiro anno (Segunda série). Editor B. de Matos, na Typ. Do Progresso na r. Sanct' Anna, 1859, p. 214.

A MADRINHA IMPOSTA. Diário de São. Luiz. Publicação de 21 de novembro de 1924, p. 2.

AO PÚBLICO. Diário do Maranhão. Publicação de 09 de outubro de 1874, p. 2.

A RÔLA FERIDA. Diário de S Luiz. Publicação de 10 de outubro de 1924, p. 2.

CARLOTA CARVALHO. Diário de São Luiz. Publicação de 16 de outubro de 1924, p. 2.

CHRONICA DO DIA. Astolpho Serra. Notícias de São Luiz. Publicação de 28 de julho de 1933, p. 2.

COLABORAÇÃO. Diário de São Luiz. Publicação de 16 de outubro de 1924, p. 2.

DEMISSÕES. O Liberal do Pará, Belém do Pará. Publicação de 25 de junho de 1889, p. 3.

DEMISSÕES. O Liberal do Pará, Belém do Pará. Publicação de 21 de setembro de 1889, p. 2.

DENÚNCIA. Diário de Belém. Publicação de 02 de março de 1888, p. 2.

DESIDERIO. Diário de São Luiz, Maranhão. Publicação de 08 de dezembro de 1924, p. 1.

DESPACHOS. Diário de Notícias, Belém do Pará. Publicação de 21 de janeiro de 1887, p. 2.

DESPACHOS. O Liberal do Pará. Publicação de 21 de março de 1887, p. 2.

DESPACHOS. Diário de Belém. Publicação de 09 de março de 1888, p. 2.

DIÁRIO DE SÃO LUIZ. Publicação de 27 de julho de 1924, p.1.

DIÁRIO DE SÃO LUIZ. Publicação de 27 de julho de 1924, p. 4.

DIÁRIO DE SÃO LUIZ. Publicação de 12 de dezembro de 1924, p. 2.

ESCOLA NORMAL. Pará. Currículo. O Liberal do Pará. Publicação de 17 de fevereiro de 1882, p. 1.

ESCOLA NORMAL PRIMARIA. Diário de São Luiz. Publicação de 11 de outubro de 1924, p.1.

EXPEDIENTE DO SECRETARIO. O Liberal do Pará, Belém do Pará. Publicação de 19 de julho de 1889, p. 2.

EXPEDIENTE DO GOVERNO. O Liberal do Pará, Belém do Pará. Publicação de de 22 de agosto de 1889, p. 2.

EXPEDIENTE DO GOVERNO. O Liberal do Pará, Belém do Pará. Publicação de 23 de agosto de 1889, p. 2.

FACTOS E CONTOS. Diário de São Luiz. Publicação de 10 de dezembro de 1924, p.1.

FUNDADORES. A Pacotilha, Maranhão. Publicação de 4 de abril de 1938, p. 2.

O JORNAL, Rio de Janeiro. Publicação de 25 de setembro de 1924, p.1.

O LIBERAL DO PARÁ. Publicação de 02 de maio de 1882, p. 1

O SERTÃO. Folha do Povo. Publicação de 24 de setembro de 1924, p.2.

O SERTÃO E O SEU VERDADEIRO AUTOR. Diário de São. Luiz. Publicação de 17 de outubro de 1948, p. 1.

INSTRUÇÃO PUBLICA. Diário de Belém. Publicação de 02 de março de 1888, p. 2.

LANÇAMENTO DE LIVRO. *O Sertão*. O Brasil. Publicação de 06 de agosto de 1924, p.7

LANÇAMENTO DE LIVRO. *O Sertão*. Correio da Manhã. Publicação de 06 de agosto de 1924, p.2.

LANÇAMENTO DE LIVRO. *O Sertão*. Gazeta de Notícias. Publicação de 07 de agosto de 1924, p.5.

LEVANTAMENTO DE ASSINAPTURAS. Diário de Belém. Publicação de 09 de março de 1888, p.2.

NOMEAÇÕES. O Liberal do Pará, Belém do Pará. Publicação de 09 de junho de 1889.

NOS VÔOS DA IMAGINAÇÃO. Diário de São Luiz. Publicação de 13 de dezembro de 1924, p. 4.

NOTÍCIA. A Pacotilha, Maranhão. Publicação de 24 de outubro de 1896, p.1.

MARTELLANDO. Diário do Tocantins. Publicação de 27 de julho de 1924, p. 4.

O JORNAL. Rio de Janeiro. Publicação de 25 de setembro de 1924, p.1.

NOTÍCIA. A Pacotilha, de 03 de junho de 1926, p. 1.

NOTÍCIAS DA PROVÍNCIA. Publicador Maranhense. Publicação de 18 de março de 1863, p. 2.

OFFICIOS. O Paiz - Orgão especial do commercio. Publicação de 30 de abril de 1878, p.1.

O JORNAL. A República, Belém do Pará. Publicação em 5 de março de 1893, p.1.

O SERTÃO E O SEU VERDADEIRO AUTOR. Diário de São Luiz, Publicação de 17 de outubro de 1948.

PARÁ. Relatório apresentado ao exmo. sr. dr. Francisco Maria Corrêa de Sá e Benevides pelo exmo. sr. dr. Pedro Vicente de Azevedo por ocasião de passar-lhe a administração da província do Pará no dia 17 de janeiro de 1875. Pará, Typ. do Diario de Noticias, 1875. Disponível em:

<[http://ddsnxt.crl.edu/titles/172?terms=&item\\_id=3919#?c=4&m=77&s=0&cv=0&r=0&xywh=106%2C281%2C2124%2C1498](http://ddsnxt.crl.edu/titles/172?terms=&item_id=3919#?c=4&m=77&s=0&cv=0&r=0&xywh=106%2C281%2C2124%2C1498)>. Acesso em: 18 nov. 2020.

PARÁ. Relatório que o exm. sr. presidente da província, desembargador. Joaquim da Costa Barradas, Passou a administração da província ao exm. sr. Conselheiro coronel Francisco José Cardoso Junior no dia 17 de mar de 1887. Pará, Typ. do Diario de Noticias, 1887. Disponível em:

<[http://ddsnxt.crl.edu/titles/172?terms=&item\\_id=3922#?c=4&m=80&s=0&cv=0&r=0&xywh=-1413%2C-169%2C4777%2C3369](http://ddsnxt.crl.edu/titles/172?terms=&item_id=3922#?c=4&m=80&s=0&cv=0&r=0&xywh=-1413%2C-169%2C4777%2C3369)>. Acesso em: 18 nov. 2020.

PARÁ. Relatório que o exm. sr. primeiro vice-presidente da província do Pará, do exm. sr. conselheiro Francisco José Cardoso Júnior, de 06 de maio de 1888, Passou a administração da província ao exm. sr. dr, Miguel J. de Almeida Pernambuco. no dia 06 de maio de 1888. Pará, Typ. do Diario de Noticias, 1887. Disponível em:

<<http://www.crl.edu/brazil/provincial/maranh%C3%A3o>>. Acesso em: 30 nov. 2020.

PRISÕES. Diário de Pernambuco. Publicação de 28 de fevereiro de 1867, p. 2.

PRISÕES. O Correio Paraense. Publicação de 23 de dezembro de 1893, p.1.

REMINISCENCIAS... Diário de São Luiz, Publicação de 06 de março de 1925, p. 2.

REVISTA. Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, 1926, p. 67.

REVISTA ILUSTRAÇÃO...Publicação de fevereiro de 1945, p. 5.

SUBSIDIOS... Jornal do Brasil, Publicação de 02 de fevereiro de 1924, p. 5.

THESOURO. Diário de Notícias, Belém do Pará. Publicação de 21 de janeiro de 1887, p. 2.

TITO NOVAES. Marttelando. Diário de São Luiz. Publicação de 24 de setembro de 1924, p. 4.

VIAGENS. A Pacotilha, Maranhão. Publicação de 28 de outubro de 1892, p. 2.

VIAJANTES... Diário de São Luiz. Publicação de 27 de janeiro de 1925, p. 4.

### **Demais Referências:**

ALMEIDA FILHO, Antonio José de Almeida. A pesquisa histórica: teoria, metodologia e historiografia. **Hist enferm**, 7(2):381-2, 2016.

BARROS, Edelvira Marques de Moraes. **Eu, Imperatriz**. — Imperatriz, MA: AIL; São Luís, MA: AML, 2012.

BICA, Alessandro Carvalho. A Pesquisa em História da Educação: caminhos, etapas e escolhas no trabalho do historiador. **Anais. IX ANPED SUL**. Seminário de Pesquisa da Região Sul, 2012.

BICA, Alessandro Carvalho; CORSETTI, Berenice. O Jornal como Fonte de Pesquisa para a História Política: os discursos republicanos do O Dever e as concepções federalistas do Correio do Sul. **Tempos Históricos**, v. 18, 2014, p. 320-353.

BURKE, Peter (org.): **A Escrita da História**. São Paulo: Editora UNESP, 1992, 360p.

CARVALHO, Carlota. **O Sertão**: subsídios para a história e geografia do Brasil. 2 ed. Revista e organizada por Adalberto Franklin. — Imperatriz, MA: Ética, 2000.

\_\_\_\_\_. **O Sertão**: subsídios para a história e geografia do Brasil (Organização e notas de Adalberto Franklin e João Renôr F. de Carvalho. 3 ed. rev. e ampl. — Teresina: EDUFPI, 2011.

\_\_\_\_\_. **O Sertão**: subsídios para a história e geografia do Brasil. 4 ed. Revista e organizada por Adalberto Franklin. — Imperatriz, MA: Ética, 2017.

CASTELLANOS, Samuel Luis Velázquez; CASTRO, Cesar Augusto. Uma instituição de ensino popular no Maranhão Império: A Sociedade Onze de Agosto. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, nº 62, p.83-97, maio, 2015. Disponível em: <periodicos.sbu.unicamp.br>. Acesso em: 05 de dezembro de 2020.

CRUZ, Mariléia dos Santos. Nascimento Moraes, Docência e Jornalismo em mais de 50 Anos de Imprensa no Maranhão. **Outros Tempos**. vol. 18, n. 32, 2021, p. 298-326. Disponível em: <[https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros\\_tempos\\_uma/article/view/842](https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uma/article/view/842)>. Acesso em: 11 de agosto de 2021.

DINO, Sálvio. **Parsondas de Carvalho: um novo olhar sobre o sertão.** — Imperatriz, MA: Ética, 2006.

ENCICLOPEDIA de Imperatriz. **Imperatriz - 150 anos: 1852-2002.** Editor e redator: Edimilson Sanches. Imperatriz: Instituto Imperatriz, 2003, 600p.

FURTADO, Alessandra Cristina; PINTO, Adriana Aparecida. Nos caminhos da pesquisa em história da educação: imprensa periódica e arquivos escolares em Mato Grosso. **Rev. Teoria e Prática da Educação**, v. 14, n. 2, p. 47-59, maio./ago. 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história.** Tradução: Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GONÇALVES NETO, Wenceslau. Imprensa, civilização e educação: Uberabinha (MG) no início do século XX. In: **Novos temas em história da educação no Brasil.** Instituições escolares e educação na imprensa. Uberlândia: EDUFU; Campinas: Autores Associados, 2002.

HOLANDA, Sérgio Buarque de (Dir.). **História Geral da Civilização Brasileira, livro primeiro: o novo descobrimento do Brasil.** 9 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

LIMA, Regina Celia Costa. Por Caminhos de Terra e Tinta: a trajetória de Carlota Carvalho, uma escritora nos sertões maranhenses (séculos XIX e XX). **Tese.** – São Leopoldo-RS, 2021.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (Org). **História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Editora Contexto, 2007. p. 443-481.

MAPA. Memória da Administração Pública Brasileira, 2018. Disponível em: <<http://mapa.an.gov.br/index.php/menu-de-categorias-2/312-diretores-diretoria-geral-dos-indios>>. Acesso em: 10 de nov. 2020.

MARQUES, César Augusto. **Dicionário histórico-geográfico da província do Maranhão.** Maranhão: Tipografia do Farias, 1870. 3 vol, p. 135.

MILHOMEM, Augusto de Oliveira. **Abrindo caminhos (Setenta anos).** Rio de Janeiro, 1995.

MORAES. Joaquim Antonio Leite. **Apontamentos de viagem.** De São Paulo á capital de Goyaz, desta & dú Pará, pelos rios Araguaya e Tocantins, e do Pará á Corte.— Considerações administrativas e políticas, pelo, São Paulo, 1882.

MORAES, João Parsondas de Carvalho. **Saganossa: a história.** – Imperatriz, MA: Ética, 2013. 354p.

MOTTA, Diomar das Graças. Uma mulher professora nos sertões maranhense. In: **II Congresso Brasileiro de História da Educação: história e memória da educação**

**brasileira.** Natal – RN, 2002. Disponível em:  
<<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0549.pdf>>. Acesso em:  
20 out. 2017.

MOTTA, Diomar das Graças. Mulheres professoras maranhenses: memória de um silêncio. **Educação & Linguagem**, Ano 11, n. 18, jul.-dez. 2008, p. 123-135. Disponível em:<<https://www.metodista.br/revistas/revistas>>. Acesso em: 30 jul 2020.

NOGUEIRA, Sônia Maria. Estudos Historiográficos e o ensino de língua portuguesa. **Cadernos CNFL**: Rio de Janeiro, v. 13, nº4, 2009. p. 382-598. Disponível em: <<http://www.yumpu.com/pt/document/view/26873160/estudos>>. Acesso em: 28 jul. 2020.

PACHÊCO FILHO, Alan Kardec Gomes. Um sertão de águas e de letras. **Outros Tempos**. vol. 11, n.17, 2014, p. 35-52. Disponível em:  
<[www.outrostempos.uema.br/OJS/index.php/outros\\_tempos\\_uema/article/.../253](http://www.outrostempos.uema.br/OJS/index.php/outros_tempos_uema/article/.../253)>. Acesso em: 20 out. 2017.

PADILHA, Lucia Mara de Lima; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. A pesquisa histórica e a história da educação. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, nº 66, p. 123-134, 2015.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Trad. V. Ribeiro. Bauru-SP: Edusc, 2005.

PRIORE, Mary Del, **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2009

RENÔR, J. “Carlota Carvalho, a mulher e o estilo”. In: COELHO, Celso Barros (Coord.). **Memórias de Pastos Bons**. Imperatriz, MA: Ética, 2005. p. 55.

SILVA, Aleilton dos Santos; SANTOS, Leiliane Araújo. **Acervo Literário: um guia sobre escritores de Imperatriz**. EDUFMA, São Luís – MA, 2017.

SOUZA, José Herênio de. **Imperatriz! Nossa avozinha aos 100 anos de idade - Por que Sibéria Maranhense?**. Imperatriz, MA: AIL, 2017.

SANTOS, Raimundo Lima dos. **A construção da imagem sertaneja maranhense a partir das leituras de Francisco de Paula Ribeiro**. Tese, - 2014.

SAVIANI, Demerval. Marxismo, educação e pedagogia. In: SAVIANI, D.; DUARTE, N. (Org.). **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. Campinas: Autores Associados, 2012. p. 59-85. (Coleção polêmicas do nosso tempo).

STANFORD LIBRARIES. **Catálogo de livros do acervo**. O sertão: subsídios para a história e a geografia do Brasil. 3. ed. rev. e ampliada. Imperatriz, MA [Maranhão, Brasil]: Ética, 2006. Disponível em:<<https://searchworks.stanford.edu/view/8323128>>. Acesso em: 10 nov. 2020.

TOURINHO, Mary Angélica Costa; MOTA Diomar das Graças. As normalistas no início do século xx em São Luís do Maranhão: ações e mobilizações estudantis. **Revista Educação e Emancipação**, São Luís, v.5, n.1, jan./jun. 2012.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORI, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. Coordenação de textos de Carla Bassanezi. São Paulo: Contexto, 2007. p. 401-442.

## **APÊNDICE**

## APÊNDICE A

<b>OBRA FACTOS E CONTOS – CARLOTA CARVALHO</b>		
<b>Capítulo/Título</b>	<b>Descrição</b>	<b>Data de publicação no Jornal <i>Diário de São Luiz</i></b>
Capítulo XVII – Anna de Freitas – Parte I	Carlota inicia esse conto falando de Cosme Alves de Freitas, um cearense de Quixeramobim ou Buretana, que foi assolado pela seca de 1863. Ele muito jovem e muitos outros emigraram para o Maranhão para a região de Pastos Bons. Ela continua dizendo que no Nordeste nem sempre houve seca, pois sempre houve mata com árvores frondosas, mas o homem derrubou e mudou o clima, mudou o solo, provocando a seca. Ela destaca ainda como é importante se plantar árvores frondosas, pois moderam o calor, fornecem oxigênio, além de sombra e frutas. Ela também fala de como os indígenas foram empurrados dos litorais para os interiores do estado, ficando em situações miseráveis. Ela informa que Cosme Alves Freitas, interessado em enriquecer na época da Belle époque na região amazônica da extração da borracha das seringueiras, abandona o seu domicílio e vai em busca da riqueza, como Carlota o coloca, enganado, não sabendo das pestes, doenças e situações precárias que os seringueiros viviam na região amazônica.	Segunda-feira, 3 de novembro de 1924 (p.2)
Capítulo XVII – Anna de Freitas – Parte II	Na parte II desse conto, Carlota Carvalho descreve como era a extração da borracha na seringueira e conta como eram miseráveis as situações dos seringueiros. E relata: “alimentação é cara e péssima, carne grossa do Rio grande do Sul, velha e rancenta e farinha do Maranhão com anos de armazém”. Carlota ainda nos relata a história do nosso personagem Cosme de Freitas que acaba ficando doente acometido de todos aqueles males, pois lhe doía o baço e o fígado, sentia um cheio no estômago, e que ele se absteve da medicina preservativa, medida que lhe deu mais alguns dias de vida. Informa que se casou com uma moça, dotado de grandes virtudes, filha de um casal piauiense, e que fora desencarnar se no vale amazônico, dizendo que ia somente extrair borracha. Essa moça é Ana Lopes. Depois do casamento e da viuvez de Ana de Freitas, personagem que seguimos nesta narração.	Terça-feira, 4 de novembro de 1924 (p.2).
Capítulo XVII – Anna de Freitas – Parte III	Aqui Carlota narra a viuvez de Anna de Freitas que, quando o marido morreu, tinha uma casa própria e plantou cebola, couve e alho, assim como criou galinhas e vendeu os ovos. Nas horas disponíveis, fazia renda para vender mais. Carlota narra também a corrupção que começa a crescer na região amazônica onde surgem muitas burocracias e aumento de impostos, o que faz Anna de Freitas ser intimada e perder sua casa por não poder pagar mais impostos.	Quarta-feira, 5 de novembro de 1924 (p. 2).
Capítulo XVII – Anna de Freitas – Parte IV	Na parte IV, Carlota narra como Ana de Freitas tentou recuperar sua casa. Nesse meio tempo, Carlota crítica as leis brasileiras, em relação ao poder na mão de poucos, que se usam delas para se beneficiar e oprimir a classe pobre, ignorante, que não tem saber. Ela conclui contando que Anna acaba morrendo de uma síncope cardíaca após ver sua casa sendo vendida. Assim, ela conclui que teria sido melhor Anna de Freitas ter ficado sem casa antes de ter se casado com o marido, sem nenhum terreno, e que pudesse, com o dinheiro e com as posses e os bens que possuía, voltar para sua terra natal que era o Piauí.	Quinta-feira, 6 de novembro de 1924 (p.2).

<p>Capítulo VI – A paisagem – Parte I</p>	<p>Carlota Carvalho fala nessa seção sobre o desconhecimento das pessoas de que existe uma flora e uma rica fauna do norte ao sul do país. Ela aborda a questão da zona equatorial e a pluralidade das espécies e suas formas, características a cada região. Ela traz ainda informações sobre as zonas temperadas e das planícies montanhosas, alguns tipos de vegetação rasteira, os fortes calores e frios na zona equatorial. Ela fala também dos eclipses solares, citando Thales Anaximandro e Pythagoras, que formularam leis e enunciaram ideias da criação natural; as órbitas de planetas explicadas por Copérnico; e Aristóteles que também abordou a criação da vida. Ela finaliza dizendo que as plantas, a vegetação respira e se nutre, assim como os seres vivos, pois em “ambos os gêneros há um fluido que é a vida”. E termina com uma pergunta: “O que é a vida? Esse fluido impalpável e invisível”?</p>	<p>Terça-feira, 18 de novembro de 1924 (p. 2).</p>
<p>Capítulo VI – A paisagem – Parte I</p>	<p>Na parte II, vão ser citados autores que pesquisaram sobre a vida. Depois, a autora tece comentários sobre as melhores induções que são as de Ernesto Hackel, na obra “<i>Maravilha da vida</i>”, e do botânico Hugo Mohl, que em 1846 definiu a noção de photoplasma. Ela indaga se as plantas possuem espírito e alma, o que diz ser um mistério e cita uma frase de Goethe, no <i>Fausto</i>: “Todos vós bem sentes a acção secreta da natureza em seu governo eterno. É, de íntimas cantada subterrâneas da vida, início a superfície emerge”. Fazendo o comparativo da vida das plantas, ela faz um comparativo de espécies de plantas encontradas nas mais variadas regiões do sul do Maranhão, além de descrever o relevo das regiões com seus grandes rios, como se refere ai Mearim e ao Farinha.</p>	<p>Quarta-feira, 19 de novembro de 1924 (p.1).</p>
<p>Não contém o número do capítulo – A madrinha exposta – Parte I</p>	<p>Carlota narra nesse texto que: “Em 1884, pisava pela primeira e última vez o arriba do expoente Araguaia. Acompanhada por meu irmão Emídio Olímpio de Carvalho e pela escrava Benedita, que herdei de meus pais, eu havia deixado o torrão natal em grava para o Pará, onde, eu e o irmão, pretendíamos preparar-nos para o professorado”. Carlota fala também da beleza que o Araguaia tem, pois, de todos os grandes rios que teve visto, nenhum de longe oferecia a sua majestade. Ela diz que sua água se espalhava na largura de 500 braços em 1100m, uma imensa massa líquida igual na vasta largura, sem diferenciar de profundidade, sem uma corrente mais apressada no seu veio, tão uniforme que mais parece um corpo sólido que líquido. Ela narra o percurso que fez para estudar na capital Belém, onde encontrou várias pessoas as quais cita como pessoas que desenvolveram o lugar no limite entre o Goiás e o Pará, dentre eles podemos citar o capitão general Dom João Manoel de Menezes, governador mandado para o Goiás com ordem de, pelo Pará, subir o Tocantins para examinar a possibilidade de navegação. Ele construiu, em 1778, casas para um posto militar abaixo da foz do Tocantins em local superlativamente bom e belo. Carlota fala da criação da comarca de São João das Duas Barras, em 1809, que logo mais tarde se tornaria Boa Vista do Tocantins.</p>	<p>Sexta-feira, 21 de novembro de 1924 (p.2).</p>
<p>Não contém o número do capítulo – A madrinha exposta – Parte II</p>	<p>Na parte II, Carlota conta a história da divergência em relação aos limites da povoação de São João do Araguaia. Nessa narrativa, ela diz que o comandante militar do revestido de São João exerceu o mais despótico poder militar, que não conheceu senão a disciplina militar e uma expressão hedionda da obediência passiva e inconsciente do indivíduo embrutecido na</p>	<p>Sábado, 22 de novembro de 1924 (p. 4).</p>

	<p>caverna, onde renuncia à qualidade de animal racional, que pensa e “obra” conforme os ditames da razão.</p> <p>Carlota fala que a povoação de São Vicente era uma nascente cidade, vila improvisada por Vicente Bernardino Gomes em 1875. A partir dessa informação, ela descreve a vida desse fundador da vila, que mais tarde, se tornaria a cidade de Araguatins, que conhecemos hoje.</p> <p>Ela, mais uma vez, critica a imposição militar colocada aos moradores da povoação militar de São João, composta majoritariamente por soldados, onde só quem podia comercializar era o comandante.</p>	
Não contém o número do capítulo – A madrinha exposta – Parte III	<p>Carlota narra a vida de Vicente Bernardino Gomes, o fundador da vila de São Vicente do Araguaia na região do rio Araguaia, o qual procurou se estabelecer em um local onde pudesse fundar uma povoação. Escolheu um local com uma grande quantidade de pequizeiros, entre outras árvores regionais, dando início à sua exploração econômica. Para tanto, escolheu trabalhadores vindos de diversas regiões que passaram a fixar residência na localidade.</p>	Segunda-feira, 24 de novembro de 1924 (p.2).
Não contém o número do capítulo – A madrinha exposta – Parte IV	<p>Na parte IV, Carlota fala sobre o rio Taquaril. Ela nos conta que, na breve estadia em São Vicente, residiu numa casa bem construída, com bonitos aspectos, situada no grande largo do lado oposto ao Araguaia, gentilmente cedida por Vicente Bernardino Gomes. Diz-nos ainda que essa casa pertencia ao espólio do capitão Constâncio, falecido pouco antes de sua chegada.</p> <p>Carlota relata também que, em uma caminhada acompanhada de sua escrava Benedita, entrou em um beco e foi diretamente ao riacho, cubação sinuosa afasta o muito nesta altura e o espaço com preenchimento para cultura agrícola, o mato tinha sido derrubado e substituído pela roça, uma casa coberta de palha indicava a residência. Nessa choça, uma mulher nova, sensivelmente recatada, tímida e acanhada em seus gestos e expressões, embalava uma criancinha, falando a ela com carinho, essa mulher chamava-se Isabel.</p> <p>Carlota nos narra: “Era uma das vezes que brinquei com a menina, ela pediu-me que fosse madrinha. Aceitei. Para fazer o batizado, ela aguardava chegada do marido, que tinha ido ao Rio Farinha buscar o resto dos seus haveres. Perturbação na normalidade de minha saúde impediu minha frequência por alguns dias. Durante a semana em que não podia banhar-me, Benedita ia levar à futura comadre víveres, carne e outras coisas de que ela precisava e agrados para minha pretendida afilhada. Retomando o hábito de banhar-me, fui à casa de Isabel, e estranhei que ela quisesse evitar-me, indo ocultar-se com a menina no interior de sua humilde habitação. Entrei e fui achá-la chorando num canto com a filhinha.</p> <p>Chamando a comadre, perguntei a causa de tal procedimento. Entretanto, em palavras entrecortadas por soluços pediu que não argumentasse seu desgosto chamando-a comadre e relatou o que havia ocorrido.</p>	Terça-feira, 25 de novembro de 1924 (p. 2).
Não contém o número do capítulo – A madrinha exposta – Parte V	<p>Carlota continua falando de sua provável comadre:</p> <p>“Antes de minha chegada, a orgulhosa Belzina, havia se oferecido para madrinha da menina, Isabel nada tinha respondido, porque não simpatizava com Belzina e tem me ofender seu exagerado amor-próprio.</p> <p>Sabendo que Isabel me havia convidado para madrinha da sua filha, se diz considerada e, fúria de raiva, disse à menina para ser madrinha sob pena de mandar prendê-la por soldados, porque jamais suportaria a afronta de tal desconsideração.</p>	Quarta-feira, 26 de novembro de 1924, p.2.

	<p>Deixar de dar a ela, membro da família poderosa do lugar para oferecer a uma viajante à toa.”</p> <p>Isso tudo por causa de uma dívida de treze mil réis, o que Carlota entende, e continua abastecendo a casa de Isabel, enquanto seu marido retorna.</p> <p>Nesse capítulo, Carlota ainda descreve geograficamente o rio Araguaia e narra os acontecimentos da guerra civil que durou de 1892 a 1893 e destruiu quase completamente São Vicente.</p> <p>Ela nos informa: “De 1875 a 1892, São Vicente cresceu sempre estendendo ruas. Os acontecimentos de Boa Vista paralisaram-lhe o crescimento e arruinaram-na também. De cáida continuou São Vicente até 1917, Dutra em que Leônidas Duarte (moça educada em Carolina pelo espírito altruísta de Aníbal Mascarenhas) e empreendeu a restauração. Conseguindo gerar altruísmo nos habitantes do lugar e auxiliado pelos dois irmãos Antônio Hermínio Pimentel, os audazes descobridores dos Campos do Xingu, e pelos grandes comerciantes José Miguel Ferreira e João Pinheiro e pelo criador de gado Antônio Tatahira, Leônidas levanta São Vicente, dando uma lição de patriotismo”.</p> <p>Leônidas Duarte é filho do comerciante Herculano Duarte acima mencionado, e neto de Vicente Bernardino, por ter seu pai se casado com a filha do fundador da vila.</p>	
Não contém o número do capítulo – Desiderio – Parte I	<p>Aqui Carlota apresenta a foz do rio Araguari, que banha várias ilhas com o nome de Amazonas. Ela o descreve, bem como as paisagens de suas duas bordas. Ela também cita conflitos ocorridos entre o Brasil e o lado da França (Guiana Francesa), e revoltas populares, como a Guerra dos Farrapos, citando ainda Canudos. Comparativamente, analisa que do lado brasileiro da Guiana todos vivem bem, em harmonia com a natureza, sem leis opressoras.</p> <p>Ela fala sobre um tal Desiderio José da Costa, um mameluco, nascido na Vila de Coruçá, no Pará. Trabalhador infatigável, mas de espírito aventureiro, que foi pescador em Piratuba e trabalhador da borracha nas ilhas de fora. Depois, fixou-se no Araguari, tendo precaução de edificar a casa mais de esquerda do rio, lado contestado pela França.</p> <p>Desiderio incorreu no desagrado do comandante militar do Presídio Dom Pedro II, o Major Castro, que voltou da guerra do Paraguai coberto de distinções de atos de bravura.</p> <p>Carlota crítica sua formação de soldado e o condena veementemente, ao dizer: “De fato, o soldado recebe educação análoga a fera que é ensinada a matar”. E completa: “o militarismo só conhece “força e preconiza a brutalidade...”</p>	Quarta-feira, 2 de dezembro de 1924 (p.1).
Não contém o número do capítulo – Desiderio – Parte II	<p>Aqui Carlota é bem breve e descreve a hidrografia da Guiana que ela chama de Guiana brasileira, descrevendo os rios, riachos, vegetação e a formação da pororoca na região amazônica.</p>	Sexta-feira, 5 de dezembro de 1924 (p.1).
Não contém o número do capítulo – Desiderio – Parte III	<p>Carlota nos narra que o major surpreendeu Desiderio com soldados armados no momento em ele voltava para casa com o barco cheio de carne e peixes salgados e tracajás. Mas, como o major havia proibido a pesca de pracajás, Desiderio foi espancado e preso no presídio Dom Pedro II por oito dias. Major Castro lhe devolveu o barco, mas sem a mercadoria, o que fez com que Desiderio, que era comerciante, tivesse de comprar “fiado” mercadorias em um comércio no qual tinha crédito, que Carlota coloca como confiança.</p> <p>Carlota ainda nos informa o que estava sentido quando teve que se ausentar da ministração das aulas nas ilhas Bialique para cuidar de sua saúde. Ela nos relata: “eu era professora publica de Bailique districto judiciário da comarca de Macapá, cujo territhorio ora ‘ilhas de fora’ do Amazonas. Sentir-me doente. Desarranjos</p>	Segunda-feira, 8 de dezembro de 1924 (p. 1).

	<p>do estomago regular, mau funcionamento do baço, algumas visitas de febre intermitente, resquício de sezão apanhado no jacundá, abaixo da 'Ita óca'. Pedhi licença de tres mezes para ir tratar minha saude na capital. O vapor "Viseu", que fazia uma viagem cada mez levou-me e deixou na ilha Bailique.</p> <p>A escola era na ilha Curaná, o vapor não demorava, não tive tempo para apromptar-me e embarcar, algumas horas de viagem, embarquei acompanhada por minha escrava Benedicta e uma menina de nome Theodora".</p> <p>Foi na sala das aulas da ilha Curaná que ela ouviu de Desiderio a narrativa de sua desgraça.</p> <p>Na Vila de Chaves, o professor público Leopoldino Cacella e sua família lhe receberam e lhe conduziram para a sua morada e, como ela mesma disse: "me deram um tratamento fidalgo".</p> <p>Ela descreve Chaves como uma vila edificada junto de uma praia do Atlântico, que se estende beirando a praia. Era um campo vasto na planície da ilha, cuja altura era um pouco superior ao nível do oceano.</p> <p>Em Belém do Pará, Carlota encontra uma última vez Desiderio. Lá, muito tempo depois, ouve Desiderio pela última vez, quando ele disse que tinha sido preso e espancado em virtude de prévio acordo com o doutor juiz de direito que Macapá, que era pessoa íntima do major.</p>	
<p>Não contém o número do capítulo – "Nos vãos da imaginação".</p>	<p>Carlota inicia essa parte falando: "Estou pela segunda vez no Rio de Janeiro, na Rua Major Fonseca, local perfeita do bairro de São Cristóvão. Em 9 de junho de 1920, voltava eu de confortador passeio à escola e Templo Batista no bairro da Tijuca onde fui assistir aulas e actos religiosos por convite do venerado amigo Joaquim Nogueira Paranaguá, senador federal e governador do Piauí, e atual presidente da associação cristã de moços, um acidente prostrou-me".</p> <p>Ela nos relata que a medicina não foi eficaz, tendo que buscar auxílio no espiritismo. Disse que sofreu muito, não podendo ler livros, que, segundo ela, a faziam alçar voo nas asas da imaginação. Ela também nos relata a saudade dos sertões maranhenses, descrevendo as paisagens, dando destaque para flores, riachos e frutas, destacando as estações das diversas frutas</p> <p>Ela diz que no sertão não há excessos de calor ou frio, que o clima é ameno. Fala das chuvas, e descreve o período em que caem.</p>	<p>Sábado, 13 de dezembro de 1924 (p.4).</p>
<p>Capítulo I – Viagens – Parte I</p>	<p>No fragmento do capítulo I, cujo título é "Viagens", Carlota nos relata que quem viaja do Riachinho ou da Imperatriz para a Vila de Balsas ou Riachão, distante de Imperatriz de 80 a 62 léguas, caminha e passa ao pé da ponta meridional da Serra da Cinta, que ela mesma diz ser uma beleza. Ela inclusive explica por que a serra recebe esse nome: é referência a um tal Manoel Henrique que teria perdido uma cinta com dinheiro no ano de 1812. Carlota aqui descreve ainda, com riqueza de detalhes, a serra, desde o relevo e a hidrografia (rios e riachos) do lugar, até as medidas de distâncias. Além disso, ela ainda cita a cidade de Grajaú, dando destaque ao rio Mearim e caracterizando lugares próximos ao rio.</p>	<p>Domingo, 21 de dezembro de 1925, (p.2).</p>
<p>Capítulo I – Viagens – Parte II</p>	<p>Nessa parte, que é mais breve, Carlota Carvalho continua falando das belezas da Serra da Cinta, narrando a abertura de estradas que se cruzam, e apresenta informações sobre o povoamento de Flores, que se localiza perto de Grajaú. Ela descreve a formação dos riachos e rios, indicando parcialmente como era a hidrografia de Grajaú e Carolina, sem deixar de frisar as águas cristalinas junto aos bacurizeiros, cujas sombras gostava de aproveitar, e a beleza das árvores que dão esse fruto.</p>	<p>Terça-feira, 23 de dezembro de 1925, (p.2).</p>

<p>Capítulo I – Viagens – Parte III</p>	<p>Na parte III e conclusão do capítulo I, Carlota traz informações sobre a fruta bacuri, desde a colheita até o sabor. Ela também narra crimes, dentre os quais destacamos: o roubo e o assassinato da dona Sabina Sirqueira, dona de uma fazenda, junto com o vaqueiro e o neto; e a depredação de uma fazenda que era cuidada por Casimiro Azevedo – o próprio Casimiro narra que, em um primeiro momento, a propriedade de Antonio Ferreira da Silva prosperou, com um canavial e uma plantação de mandioca que causaram a inveja de um vizinho que ateou fogo no canavial e teve um desentendimento com o filho de Antonio, José Félix Ferreira, que acabou sendo morto a tiros pelo vizinho. Carlota nos informa que tudo isso aconteceu em Grajaú, onde a polícia foi violenta e matou o matador e seu irmão, apossando-se de tudo que podiam e destruindo tudo o que não puderam levar da casa. Segundo ela, toda essa violência fez com os outros Ferreiras fossem embora para o Goiás. Nesse momento, Carlota critica veementemente a força policial que possui brutalidade e violência na essência de sua formação.</p>	<p>Quinta-feira, 25 de dezembro de 1924 (p.2)</p>
---	--	---

Fonte: Tabela elaborada pelo próprio pesquisador – 2020.

## **ANEXOS**

## ANEXO A – IMAGENS DE CARLOTA CARVALHO



Imagem de Carlota Carvalho na 1ª edição de sua aclamada obra *O Sertão* (1924).



Imagem de Carlota Carvalho em publicação impressa do jornal *Diário de São Luiz*, de 16 de outubro de 1924 (p.3).

## ANEXO B – IMAGEM DE JOÃO PARSONDAS DE CARVALHO

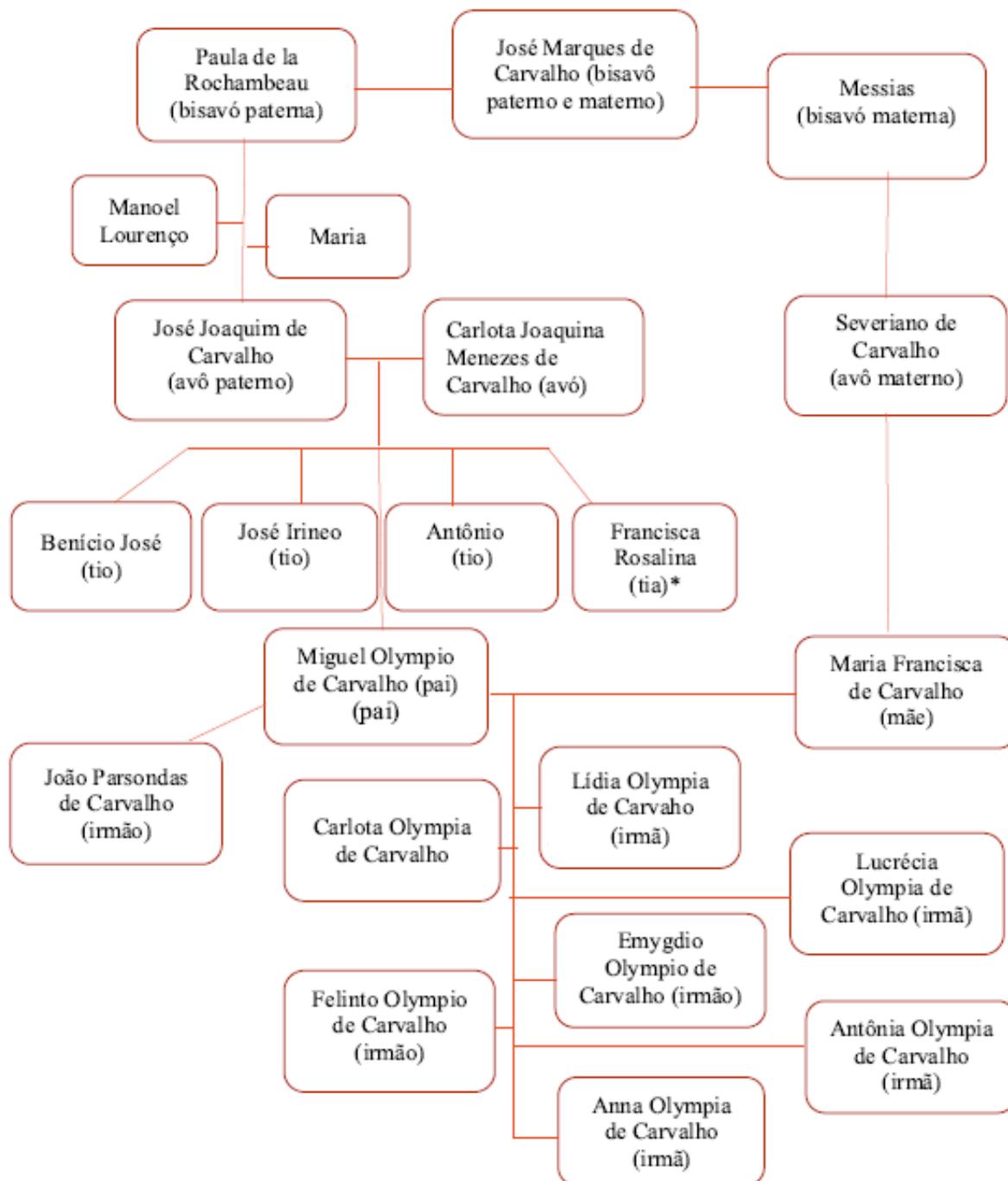


**Imagem de João Parsondas de Carvalho, irmão de Carlota, achado pelo professor e historiador Adalberto Franklin -na Hemeroteca Digital - *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, n. 542/65, 11 ago., 1901**

Fonte: Blog de Adalberto Franklin – Disponível em:  
<http://adalbertofranklin.por.com.br/2013/07/achado-historico-a-foto-de-parsondas-de-carvalho/>. Acesso em: 02 de julho de 2017.

## ANEXO C – ÁRVORE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA CARVALHO

Figura 15: Árvore Genealógica da Família Carvalho



**Fonte:** elaborada pela autora com base na bibliografia consultada para a elaboração da tese.

\*Além de Francisca Rosalina de Carvalho, Carlota faz menção à existência de “tias”, porém a documentação consultada não foi capaz de revelar os nomes destas tias.

## ANEXO D – IMAGEM DO REGRADOR

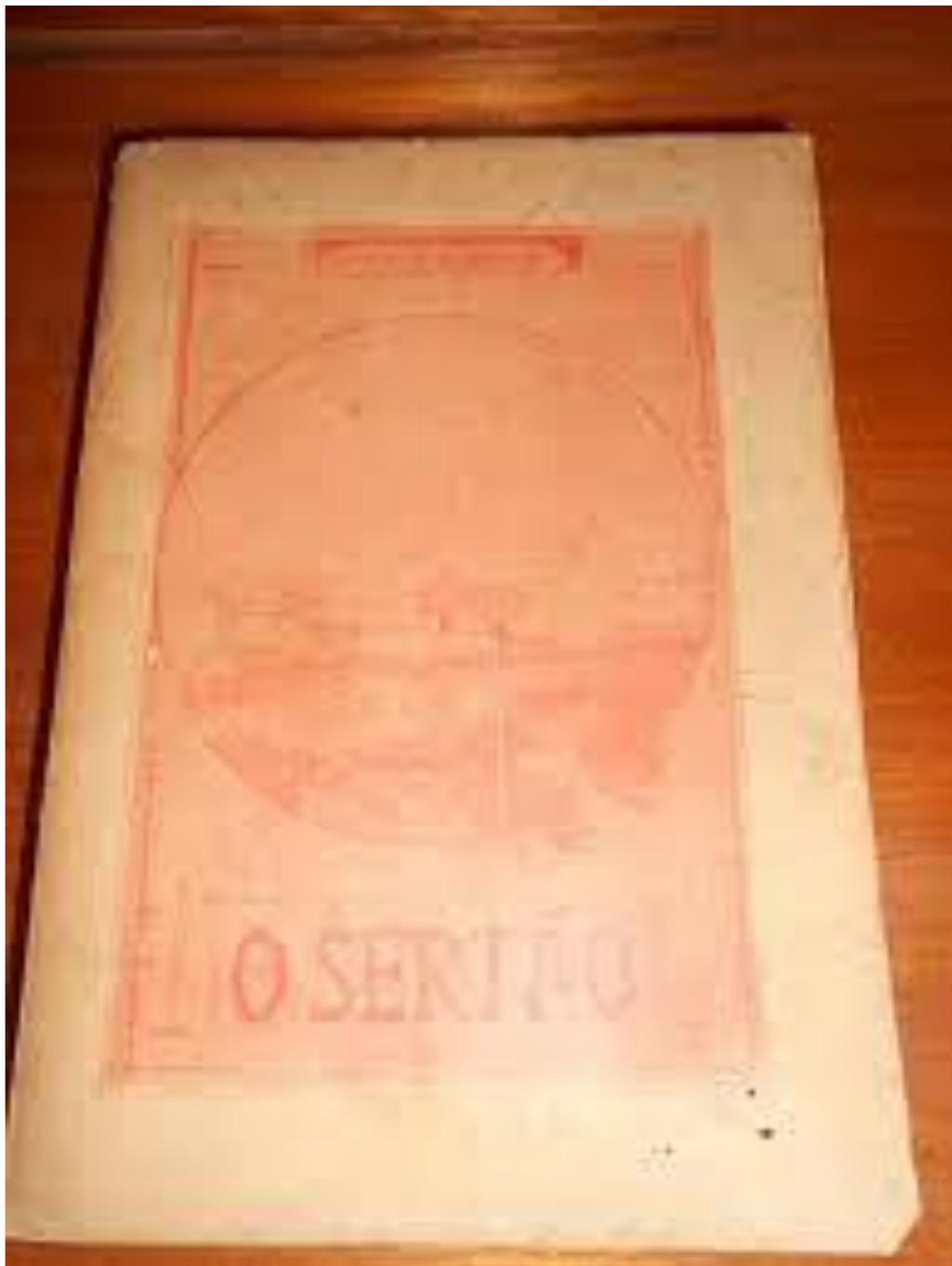
**Figura 28:** Antigo utensílio, conhecido no interior do Maranhão, como “regrador”.



**Fonte:** <http://flaveiltonoliveira.blogspot.com/>

Fonte: Lima (2021, p. 151).

**ANEXO E – IMAGEM DA CAPA DA PRIMEIRA EDIÇÃO DO LIVRO O SERTÃO  
(1924)**



Capa elaborada em parceria com Sousa Bispo (1924), na qual podemos perceber, em relevo, uma paisagem do sertão.

Fonte: <https://www.levyleiloeiro.com.br/peca.asp?ID=189416>

## ANEXO F – IMAGEM DO PAQUETE ACRE

**Paquete Acre - Lloyd Brasileiro - Outubro de 1907 - Anônimo**



Fonte: <https://seaej.org.br/pdf/MTrioSeculoXIX.pdf>